

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS**

**Lux da Silva Machado
10304453**

**Além do arco-íris: a arte como disparadora de discussões
sobre Gênero e Sexualidade na escola**

São Paulo
2021

LUX DA SILVA MACHADO

Além do arco-íris: a arte como disparadora de discussões sobre Gênero e Sexualidade na escola

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade de São Paulo
como exigência parcial para a obtenção
do diploma de Licenciatura em Artes
Cênicas.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Lúcia de
Souza Barros Pupo

Co-orientadora: Prof^a Dr^a Kelly Cristine
Sabino

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Dados inseridos pelo(a) autor(a)

Machado, Lux da Silva
Além do arco-íris: a arte como disparadora
de discussões sobre Gênero e Sexualidade na
escola / Lux da Silva Machado;
orientadora, Maria Lúcia de Souza Barros
Pupo; coorientadora, Kelly Cristine
Sabino. - São Paulo, 2021.
63 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)
- Departamento de Artes Cênicas / Escola
de Comunicações e Artes / Universidade de
São Paulo.
Bibliografia

1. Gênero e Sexualidade. 2. Arte-educação.
3. Teoria Queer. 4. Decolonialidade. I. de
Souza Barros Pupo, Maria Lúcia. II. Título.

700.7

CDD 21.ed. -

Agradecimentos

Primeiramente, a Valmir PS, por ter compartilhado esses momentos educacionais comigo ao longo de todo o ano;

A Ju Castro, Matheus Martinez e Nathália Barreto, bolsistas que uniram-se nesta missão de falar sobre Gênero e Sexualidade na escola;

A Adriana Oliveira, Kelly Sabino, José Carlos Carreiro, Milena Bushatsky e Sahsha Watanabe por coordenarem as ações do Programa de Gênero e Sexualidade dentro da Escola de Aplicação;

A Darlene Maravilha, Ícaro Pio e Larissa Cavalcante, pela amizade, apoio emocional e pela construção de um espaço seguro e confortável onde foi possível fazer as ações e escrever este trabalho.

A Diego Camelo, Felipe Mendes, Ícaro Pio, Isa Coeser, Júlia Lima, Krol Borges, Lilian Gomes, Luana Pantaleoni, Matheus Maciel, Marcella Georgini, Talisha Ribeiro e Valmir PS, pelos trabalhos, diálogos, histórias, roês e crises que se somaram dentro desses cinco anos de faculdade, e que foram mais fáceis de suportar com a ajuda de vocês;

A minha mãe, Angelica Silva, e ao meu pai, Mauro Max, pelo apoio de uma vida inteira dentro de uma área nada fácil de adentrar;

A Alexia Cassiano, Emanuely Abade, Nicole Bassile e Victória Nascimento, por serem amigas que me entendiam antes de mim mesma;

A Raphaella Gomez e Vênuz Capel, por mostrarem que a construção de um mundo menos binário é possível e somar nessa construção comigo;

A Maria Lúcia Pupo, por mostrar os caminhos possíveis para que este trabalho acontecesse.

*O que pode um corpo sem juízo?
Quando saber que um corpo abjeto se torna um corpo objeto e vice-versa?
Não somos definidos pela natureza assim que nascemos
Mas pela cultura que criamos e somos criados
Sexualidade e gênero são campos abertos de nossas personalidades
E preenchemos conforme absorvemos elementos do mundo ao redor
Nos tornamos mulheres ou homens, não nascemos nada
Talvez nem humanos nascemos
Sob a cultura, a ação do tempo, do espaço, história
Geografia, psicologia, antropologia, nos tornamos algo
Homens, mulheres, transgêneros, cisgêneros, heterossexuais
Homossexuais, bissexuais, e o que mais quisermos
Pudermos ou nos dispusermos a ser
O que pode o seu corpo?*

**O que pode um corpo sem juízo?
Jup do Bairro**

Resumo

Esta pesquisa diz respeito à reflexão sobre identidades de gênero e sexualidades junto a estudantes do Ensino Fundamental II e Ensino Médio. As aulas e encontros acontecem por conta do Programa de “Gênero e Sexualidade” da Escola de Aplicação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, do qual a autora faz parte enquanto bolsista e pesquisadora no assunto. A pesquisa tratará das noções da decolonialidade enquanto perspectiva de desassociar o pensamento cultural tido como universal, o euro-estadunidense. Além disso, acontecerá o uso de materiais artísticos como fomento para as discussões, entendendo as artes como precursora de novas possibilidades de se existir no mundo e também essenciais para a formação sociocultural do ser humano.

Palavras-chave: Gênero e Sexualidade. Arte-Educação. Decolonialidade.

Sumário

Agradecimentos	3
Resumo	5
Estudando o arco-íris	7
1. Gênero é cultura	13
a) Questionando as expectativas	17
b) Desconstruindo gênero	19
c) Visitando feminismos	22
 2. Gênero é arte	25
a) Ampliando horizontes	28
b) Adequando-se as dissidências	30
c) Construindo [novas] identidades	33
 3. Gênero é educação	37
a) Explorando [novas] entradas	41
b) Criando [novas] jornadas	48
Estranhando a [nova] escola	53
Referências	58

Estudando o arco-íris

*Não sou um homem. Não sou uma mulher. Não sou heterossexual. Não sou homossexual
Tampouco sou bissexual. Sou um dissidente do sistema sexo-gênero.*

Paul B. Preciado

Vivemos um mundo em crise.

Digo isso não apenas por conta da pandemia da COVID-19, que teve início, no Brasil, em Março de 2020. Não digo isso por conta do governo federal, que fere os direitos humanos de muitos brasileiros desde a campanha política de 2018. Nem falo isso pensando na colonização que teve início nessas terras em 1500.

A crise é inerente à vida. Nada poderia se tornar positivo sem passar por alguns momentos de pausa e reflexão.

Ficar em casa fez com que as pessoas tivessem que lidar com situações que durante a vida agitada e corrida de pré-covid não pensavam. Além disso, voltar-se para o espaço privado mas tendo tarefas de uma vida pública, como trabalho, festas de aniversário ou apresentações artísticas, através de um aparelho eletrônico que conecta pessoas distantes em um mesmo lugar, transformou as relações que tínhamos em sociedade. O/a artista passou a escutar menos aplausos. O/a professor/a passou a ser menos interrompido/a. Es alunes perderam suas características físicas e tornaram-se fotos de cães, gatos ou personagens de desenho. O cinema implodiu em plataformas de *streaming* para assistir em casa. A música reformulou suas apresentações em forma de *lives*. A dança, o teatro e a performance tiveram que se renovar para se manter, perdendo suas características mais necessárias: a presença física e a troca sinérgica que ocorrem durante espetáculos, encontros e festivais de artes da cena. A escola teve que se adaptar a um método novo de ensino, inovando em suas atividades pedagógicas.

[...] não se trata simplesmente de encontrar novas maneiras de se fazer precisamente o mesmo que se fazia antes de a epidemia se impor como um acontecimento que inviabilizou as formas prévias de convívio intra e intergeracional. A ruptura no cotidiano da educação forçou professores e alunos a enfrentarem uma situação que não hesitaríamos em classificar como uma crise, desde que a acepção conferida a esse termo não se reduza a seus usos mais correntes que o identificam de forma imediata às noções de declínio, decadência ou ocaso. Uma crise, nos lembra Arendt, dilacera fachadas, oblitera preconceitos e põe a nu o fato de que perdemos as respostas em que de ordinário nos apoiávamos, sem que sequer

soubéssemos que eram respostas a problemas básicos da convivência humana (Arendt, 2006, p. 117). Nesse sentido, enunciar a existência de uma crise ética, por exemplo, não representa afirmar uma decadência nos padrões de conduta moral, mas simplesmente constatar que os critérios aos quais as gerações anteriores recorriam para discernir entre o certo e o errado; entre o nobre e o vil já não dão conta das experiências e desafios do presente. (CARVALHO. 2020, P. 3)

O Professor Doutor de filosofia da educação da Faculdade de Educação da USP, José Sérgio Fonseca de Carvalho, escreveu um artigo intitulado *Um sentido para a experiência escolar em tempos de pandemia*, no intuito de refletir como este momento histórico está afetando completamente a estrutura escolar vigente desde o século XVI. Ao início desta pesquisa, muitos momentos de reflexão foram necessários para entender este novo contexto escolar e de que modo seria possível que este trabalho fosse feito em sala de aula remota. Desse modo, a pesquisa se transformou, mas sem perder a sua essência.

Meu interesse se volta para entender de que modo a construção de identidades poderia estar ligada com as artes da cena. A ideia pré-covid era explorar figuras da cultura popular brasileira que fugissem de um binarismo de gênero, através de jogos e criação de cenas, e a partir do material produzido trazer a discussão sobre identidade de gênero e sexualidade. Este projeto poderia ter acontecido como uma oficina eletiva da Escola de Aplicação, lugar em que participei de bolsas voltadas à permanência estudantil desde o meu 2º ano na graduação.

O lugar escolhido previamente se manteve. Porém com tudo que estava acontecendo no mundo, redirecionei minhas ações de pesquisa, visto que a estrutura curricular havia mudado, perdendo o espaço das aulas eletivas.

Por isso, me aproximo do Programa de Gênero e Sexualidade da EA (Escola de Aplicação), tornando-me bolsista em um novo projeto.

Este programa teve início em 1996, sob o nome de “Orientação Sexual Adolescente” e partiu de uma iniciativa de professores e professoras da escola que viam a importância de falar sobre questões ligadas ao sexo com o corpo discente. Em entrevista com o professor José Carlos Carreiro, docente de Geografia da escola e participante do programa desde seu início, falou-se que ações ligadas ao tema já aconteciam na EA desde 1991, porém de forma curricular. A partir de 1996 passou-se a ter um encontro mensal com cada turma do Ensino Fundamental II e Ensino Médio, para discussão de temas que eram propostos por estudantes no chamado encontro zero. Esses encontros aconteciam dentro do horário escolar, com

docentes cedendo uma aula por mês para realizá-los. A demanda de discutir questões tão pertinentes foi tamanha que criou-se um novo formato para essas discussões no contraturno, através de inscrição voluntária. Mesmo que o foco na época tratasse mais especificamente sobre orientações voltadas ao sexo, logo percebeu-se que aquele espaço podia explorar novos temas, como, por exemplo, a homossexualidade.

Com o passar dos anos, os professores e professoras que estavam presentes nesta orientação, por diferentes motivos, saíram da escola, fazendo com que o projeto seguisse normalmente, mas com menos docentes envolvidos. Até o momento em que o professor José Carlos ficou como único professor que guiava as ações do projeto, junto de bolsistas e estagiários/as da escola. Foi neste momento que começou-se a usar o termo “Sexualidade Adolescente”, visto que o termo orientação sexual designava a sexualidade da pessoa (hétero, homo, bi, pan e etc).

Com a entrada de novas professoras no projeto, foi possível fazer uma reestruturação. Viu-se que as temáticas voltavam-se mais para gênero do que para sexualidade, colocando este segundo como pano de fundo e assumindo as discussões de gênero como principal.

Neste momento, os encontros aconteciam por aulas cedidas pelo corpo docente, além da discussão pertinente dentro de cada componente curricular. Até que se criou, dentro da estrutura curricular, um espaço onde as temáticas transdisciplinares pudessem ser discutidas:

“Um dos fatores facilitadores foi a criação do espaço-projeto. A ideia inicial era de se criar um espaço para que os projetos da escola - que outros surgiram né, como: o EA Preve que era o programa de prevenção ao uso de drogas, veio o Negritude, hoje também tem o Integridade. Então são programas e projetos que se institucionalizaram. Hoje eles fazem parte, estão no PPP¹ da escola. (Informação Verbal)²

Além das entradas no espaço-projeto, o Programa de Gênero e Sexualidade, mais recentemente, começa a pensar em outras ações dentro da comunidade escolar, como a Jornada de Gênero e Sexualidade e também os encontros LGBTs. Ademais, tornou-se comum que professoras e professores da escola chamassem

¹ Projeto Político-Pedagógico

² Entrevista de José Carlos Carreiro cedida à autora em 15 de Outubro de 2021. Não publicada

docentes responsáveis pelo Programa a fim de mediar alguma situação que tenha acontecido em sala de aula voltada a essas temáticas.

Passei a frequentar a Escola de Aplicação em 2018, fazendo parte de outras bolsas fornecidas pela USP dentro daquele espaço. Dessa forma, acompanhei de longe como se dava as ações do Programa de Gênero e Sexualidade, participando de algumas entradas e também da Jornada de 2019.

Voltar a frequentar o espaço escolar foi deveras enriquecedor para mim. Me entendo como pessoa LGBTQIAP+ há muitos anos, porém não tinha certeza de que parte desta sigla me representava. Desde o fim do meu Ensino Fundamental, quando os hormônios começam a ferver e também o convívio social com outros/as estudantes se torna muito voltado para falar sobre sexo, eu sabia que não seguia o padrão social dito como normal por sentir atração por mais de um gênero. Além disso, desde que passei a tomar consciência do meu corpo, assumi uma performance de gênero que fugia da masculina, associada a mim pelo fato de possuir um corpo biológico ligado à ideia de “Homem”..

Pesquisei sobre gênero e sexualidade há bastante tempo, numa investigação de descobrir quem eu era, em que grupo poderia me encaixar. Porém comecei a estudar realmente sobre o assunto na faculdade, através de trocas de referências entre colegas de curso e amizades. Inclusive minha dupla ao longo deste ano, Valmir PS, tem bastante influência nisso.

Foi estudando este imenso arco-íris que entendi muitos conceitos e o modelo estrutural que se torna vigente em nossa sociedade. Após entender as estruturas binárias e refletir sobre minha posição sobre elas percebi que eu era uma pessoa trans, por não me sentir confortável sendo lida através da genital que me foi designada ao nascimento. Junto a isto, vendo que a transgeneridade também é um guarda-chuva de possibilidades, entendi-me no espectro da não-binariedade, assumindo-me identitariamente como uma pessoa de performance feminina mas que também não se sente mulher, tentando assim expandir as noções de gênero que ainda se voltam apenas para dois. Dessa forma, passo a utilizar um nome que tem mais a ver comigo, assumo uma identidade agênero, que não se vincula com ideias binárias além de usar pronomes que também me são mais satisfatórios, o neutro e o feminino.

Aproveito esta deixa para dizer também que, ao longo de toda escrita, será utilizada a ortografia adquirida da neolinguagem, utilizando a linguagem neutra para designar coletivos de pessoas ou ainda para pessoas que, assim como eu, preferem uma flexão de gênero que não seja nem masculina nem feminina. A neolinguagem é um conceito novo que passa a ser muito discutido contemporaneamente. Farei uso da letra “E” como flexão de gênero neutro, como em “es estudantes”, podendo utilizar, também, a letra “U” para palavras onde o “E” já designa um gênero, como em relação ao pronome, “Elu”. Além disso, em alguns momentos serão utilizados trechos escritos por alunes no chat das aulas, com a permanência ortográfica da escrita delas sendo mantida sempre que possível, com alterações feitas por mim apenas para melhor compreensão da ideia.

Neste ano, integrei-me ao Programa primeiro como colaboradore, depois como bolsista, participando ativamente das ações que aconteceram desde Fevereiro, quando teve início o ano letivo na Escola de Aplicação. Os dois primeiros meses serviram para eu entender e conhecer melhor o ensino remoto e também as ações que o Programa ainda fazia.

Com o início do meu ano letivo na graduação, percebi que o projeto de pesquisa de outrora teria que sofrer alterações. Foi assim que, entendendo a estrutura metodológica que estava acontecendo nas entradas e pensando como explorar os campos de gênero e sexualidade com as artes, formulou-se esta pesquisa.

As entradas vinham acontecendo de modo que es bolsistas e professores/as discutiam qual temática seria conversada no dia e a partir da temática trazia materiais disparadores dos mais diversos tipos. E se esses materiais disparadores fossem sempre elementos artísticos? Qual o papel que as artes, enquanto cultura e política, têm com a discussão de gênero e sexualidade? De que modo a indústria cultural reitera as estruturas já vigentes? De que modo pode-se expandir as possibilidades limitantes dadas pela sociedade? Como construir novos imaginários para es alunes? Como mostrar a diversidade de cores que o arco-íris possui? Como descobrir novas cores dentro desse arco-íris?

Ao longo desse ano, essas perguntas se fizeram presentes junto com muitas outras, que eram discutidas por bolsistas, estruturadas em um plano de aula e depois levadas para os encontros com estudantes..

Além das entradas, que ocorriam mensalmente para diferentes turmas, foi possível, neste ano, voltar com os encontros LGBTs, que passaram a ganhar mais algumas letras, tornando-se o Encontro LGBTQIAP+ da EA e também fizemos a IV Jornada de Gênero e Sexualidade da EA. Todas as ações aconteceram de forma remota.

Os dois primeiros capítulos deste trabalho final de graduação se voltam para os Encontros LGBTQIAP+, que ocorreu de forma semanal durante o 2º semestre de 2021, através de um formulário de inscrição para pessoas interessadas. O capítulo 1 falará sobre o primeiro bloco deste encontro, voltado à identidade de gênero, enquanto o capítulo 2 falará sobre o segundo bloco, quando discutimos temas além dos gêneros binários. O capítulo 3 discorre sobre as demais ações do Programa: as entradas e a IV Jornada de Gênero e Sexualidade.

1. Gênero é cultura

Não se nasce mulher, torna-se mulher.

Simone de Beauvoir

Pensar sobre gênero, para mim, é viver em constante questionamento. E o ato de questionar é humano.

Pode parecer que o mundo é algo totalmente único, imutável, mas não é bem assim. A ideia de uma verdade absoluta foi construída há muito tempo e permanece até hoje. Essa ideia coloca apenas um tipo de sujeito no topo da estrutura de poder, fazendo com que todas as outras identidades se tornem “minorias” sociais. Eu cresci acreditando nisso. Que este mundo ao nosso redor era a única possibilidade que existia. Um mundo dividido em dois: homem ou mulher, hétero ou homo, cis ou trans.

Porém, esta não é a única realidade possível. Essa história que é dada como imutável traz um recorte que se mostra completamente cultural, se tratando de uma perspectiva advinda de um lugar e tempo específico, configurando-se na sociedade ocidental que conhecemos hoje. Porém nem sempre foi assim. Essas normas que dividem o mundo em dois foram criadas, assim como os signos ou códigos que hoje atribuímos como feminino e masculino, colocando uma relação de poder entre eles.

Assim surge a ideia da binariedade, que além de separar erroneamente o mundo em dois, também trabalha com a ideia de opostos, colocando pessoas cis como supostamente superiores a pessoas trans, pessoas brancas sobre pessoas negras e homens em relação a mulheres.

Essa norma mostra apenas homens cis brancos heterossexuais em posições de poder. Isso fez com que apenas eles fossem considerados sujeitos legítimos, surgindo assim, o mito de um sujeito universal, que é constantemente reiterado, por exemplo, nos filmes, séries e novelas que assistimos.

Stuart Hall, sociólogo jamaicano que viveu na Inglaterra durante a segunda metade do século XX, escreve em seu livro *A identidade cultural na pós-modernidade* sobre a concepção de identidades ao longo da história. O autor nos conta sobre 3 sujeitos que já existiram. O primeiro, dito até hoje como universal, dizia respeito a um individualista que colocava-se no centro do universo. Este seria o

Sujeito do Iluminismo. A partir deste deu-se origem ao sujeito sociológico, cuja identidade “costura (ou, para uma metáfora médica ‘sutura’) o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis” (HALL, 2006, p. 8). Ao que segue:

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais “lá fora” e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as “necessidades” objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. (HALL, 2006, p. 9)

Este último é o sujeito pós-moderno, que não possui uma identidade fixa. E é nesse momento em que nos encontramos.

Entender esses diferentes sujeitos é importante para conscientização da história dos movimentos sociais e políticos, que também passam a ser identitários. Como é o caso do movimento sufragista: mulheres que estavam lutando pelo seu direito ao voto. Mesmo com a ideia de democracia sendo proveniente da Grécia Antiga, até o século XIX a vida política era reservada apenas para os homens - ferindo a própria ideia de democracia - por pensar que o povo era constituído apenas por estes sujeitos. As sufragistas iniciaram seu movimento na Inglaterra, a partir de protestos pacíficos a fim de reivindicar seus direitos na vida política da cidade. Foi neste mesmo século que as mulheres passaram a trabalhar em fábricas, saindo da vida familiar, privada e conquistando uma nova vida pública. Dessa forma, constituindo-se como trabalhadoras, por que não teriam o direito de decidir seus governantes?

Assim, em 1918, essas mulheres britânicas finalmente conquistaram o que queriam, espalhando a ideia do voto feminino ao redor do globo. Este direito passou a existir no Brasil em 1934, dezesseis anos após a conquista britânica.

O sufrágio foi uma luta feita por e para mulheres que facilitou a constituição de uma Teoria Feminista, escrita por pensadoras que se fizeram presentes dentro das universidades, tal como Simone de Beauvoir, pensadora francesa que em seu livro, *O Segundo Sexo* discorre sobre os vários motivos de o Homem ter se tornado o ser superior das relações de poder, cabendo à mulher ficar com o papel do “Outro”. Beauvoir discute a hegemonia estrutural masculina pelas visões: biológica, psicanalítica e histórica, tendo essa última como principal fonte de estudos, mostrando que o Patriarcado se instaura com os Homens ocupando o poder político das nações ocidentais, constituindo-se enquanto figura pública, enquanto a Mulher ocupa o lugar do sagrado, do místico, ficando limitada pelas questões do Lar.

“É sempre difícil descrever um mito; ele não se deixa apanhar nem cercar, habita as consciências sem nunca postar-se diante delas como um objeto imóvel. É por vezes tão fluído, tão contraditório que não se lhe percebe, de início, a unidade: Dalila e Judite, Aspásia e Lucrecia, Pandora e Atena, a mulher é, a um tempo, Eva e a Virgem Maria. É um ídolo, uma serva, a fonte da vida, uma força das trevas; é o silêncio elementar da verdade; é artifício, tagarelice e mentira; a que cura e a que enfeitiça; é a presa do homem e sua perda, é tudo o que ele quer ter, sua negação e sua razão de ser.” (Beauvoir, 2016, P. 203)

Beauvoir faz parte da 1ª onda do Movimento Feminista, linha de estudos que trouxe textos de mulheres acadêmicas para a discussão sobre o como e o porquê do mundo ter se desenvolvido da forma como é, com certas pessoas ocupando posições sociais mais elevadas que outras. A importância desse movimento deve ser lembrada por ter dado voz àquelas que sempre estiveram presentes, mas não conseguiam ser ouvidas. Entretanto, é válido ressaltar que tal movimento não mostrava todas as feminilidades possíveis, se fechando em pautas que dizem respeito a mulheres brancas, cisgêneras e heterossexuais.

A partir daí, outros movimentos sociais foram ganhando força, valendo-se daquilo que interessava na Teoria Feminista. Com o tempo e com a entrada de pessoas com raça, sexualidade e identidade de gênero que fugissem do padrão cisheteronormativo³ branco no mundo acadêmico, as teorias foram se multiplicando,

³ Conceito que define a norma de existir cis e hétero como única possibilidade vigente, transformando quem as seguem em “normais” e as demais pessoas que fogem disso lidas como “o Outro”, corpos marginalizados e dissidentes.

e gerando ramificações, como a do Feminismo Negro. Assim como outras discussões, como a Teoria Queer.

Esta última teoria tem como objetivo questionar como se deu a formação social de pessoas que sempre estiveram à margem da sociedade, usando-se da palavra *queer* - que não possui tradução definida em português mas se assemelha a estranho ou exótico - como forma de ressignificação de um termo outrora pejorativo que acaba por se tornar uma denominação de orgulho entre dissidentes de gênero. Estuda-se nesta teoria, a partir do Pós-Estruturalismo, como se formou o pensamento histórico-cultural do que denomina-se, em nossa contemporaneidade, homem e mulher. O termo foi usado pela primeira vez por Teresa De Lauretis em uma conferência durante a década de 90. Baseando-se na Teoria Feminista, nas noções de poder e sexualidade estabelecidas por Michel Foucault e também nos estudos de cultura e identidade, a Teoria Queer se traduz como uma política não assimilacionista de diversificar a produção hegemônica previamente reconhecida como norma, buscando pluralizar as sexualidades e identidades de gênero.

Mas agora, como entender, junto às/aos alunas/alunos essas novas formações identitárias? Como ajudar a constituir um sujeito que se mistura com as diversas realidades existentes em nosso mundo globalizado? Como trazer essas questões históricas de luta e resistência na contemporaneidade, ainda mais através de um aparelho tão frio, como a tela de um *notebook*, e contando com algo tão instável, como a internet?

O Programa de Gênero e Sexualidade da Escola de Aplicação, núcleo de pesquisadores e bolsistas que integraram as ações dessa pesquisa, preparou diversos materiais artísticos apresentados durante o 2º semestre de 2021 nos Encontros LGBTQIAP+. A metodologia dos encontros foi se configurando na prática, com o diálogo sendo o mote principal, tanto entre estudantes e pesquisadores quanto nos encontros de preparação das atividades. Um cronograma foi criado, com temáticas divididas em blocos. O primeiro bloco, nomeado de **Identidade de gênero** foi composto por três encontros e em cada um deles trouxemos materiais provenientes da cultura de massas que serviam como reprodução de estereótipos consolidados em nossa sociedade, responsável inclusive pela propagação de preconceitos e reforços de identidades já consolidadas.

Paralelamente a esses materiais, trouxemos também aqueles que questionam esses estereótipos ligados ao gênero, na tentativa de fomentar a discussão sobre todas essas questões que atravessam gênero, sexualidade e o nosso contexto atual.

a) Questionando as expectativas

Gênero é uma construção social.

Por isso que o primeiro encontro falou sobre **expectativas e projeções relacionadas ao nascimento**. Para isso, levamos para o encontro alguns vídeos que reproduzem ideias bem demarcadas em relação ao que é lido como homem e mulher na nossa sociedade.

Os dois primeiros vídeos falavam sobre a ideia do chá revelação.

Chá revelação é uma festa que acontece quando um casal está esperando um bebê. O maior propósito do evento é o momento de cortar o bolo, pois o recheio revelará o sexo biológico que a futura criança terá. Rosa se possuir uma vagina, azul se possuir um pênis. Com o passar do tempo, outros modos foram criados para revelar qual a genitália da criança, como por exemplo uma performance *drag*, com uma revelação de roupa demonstrando o gênero. Porém, a ideia continuou a mesma. Este é o primeiro signo. A primeira leitura de como aquela criança vai ser definida ao longo de toda a sua vida.

Se sair a cor azul, espera-se que o sujeito jogue futebol, não demonstre seus sentimentos, tenha cabelos curtos e pelos pelo corpo quando for mais velho. Quando criança, ele vai brincar de carrinho ou até mesmo com uma arminha, depois videogame e tudo isso sem maiores preocupações de afazeres além dos escolares.

Se sair a cor rosa, espera-se que a “sujeita” seja delicada, tenha cabelos compridos e use maquiagem. Vai ter uma beleza cobrada constantemente, tendo sempre que se arrumar muito para sair. Quando criança, vai brincar de bonecas e com acessórios domésticos, começando a cuidar da casa desde cedo.

A declaração “É uma menina!” ou “É um menino!” também começa uma espécie de “viagem”, ou melhor, instala um processo que, supostamente, deve seguir um determinado rumo ou direção. A afirmativa, mais do que uma descrição, pode ser compreendida como uma definição ou decisão sobre um corpo.” (LOURO, 2004, P. 15)

Um dos materiais utilizados foi um vídeo do canal de comédia “Porta dos Fundos”⁴, que mostra um chá revelação cuja organizadora não se prende apenas aos dois gêneros binários. Para isso, ela começa a narrar diversas possibilidades que o recheio do bolinho poderia ter, nomeando gêneros além do feminino e masculino. Os estudantes se mostraram muito esperançosos. Porém, no fim do vídeo, o que poderia ser algo inovador e interessante se tornou piada, com a personagem colocando coisas absurdas como gênero.

Durante a discussão sobre o chá revelação, os alunos presentes se mostraram discordantes em relação a toda essa expectativa colocada em volta dos órgãos genitais que a criança vai ter. Uma das alunas escreveu no chat, falando sobre a repercussão e fama que as festas de revelação de gênero ganharam nos últimos tempos: “mas é pq gênero tá em várias coisas, até no comércio, tipo produtos feitos só pra certas pessoas. Então a gente tá o tempo todo pensando nessas caixinhas.”

O último vídeo mostrado também falava sobre essas expectativas colocadas antes do nascimento, mas agora em relação ao ultrassom, outro modo de revelar qual o sexo biológico que a criança terá. Para isso foi usado uma reportagem do Vídeo Show, programa de variedades da TV Globo que falava muito sobre novelas⁵. Na matéria em questão era mostrado um compilado de cenas envolvendo o ultrassom em diferentes narrativas da teledramaturgia brasileira. Em algumas cenas a necessidade de saber o sexo é pungente, levando até a comentários dos estudantes em relação a diferença que essa resposta pode causar. Outra coisa ressaltada pelo vídeo e questionada na discussão foi essa diferenciação das cores, azul para meninos e rosa para meninas. Algo que até pode parecer antigo mas que na realidade ainda se mostra muito presente na indústria, fazendo com que esse pensamento se reifique em nossa sociedade.

Outra parte da discussão foi proposta por um aluno, que perguntou “Como criar um filho sem projeções de gênero?” E trouxe questões sobre os brinquedos, as atividades que a criança faria e também que pronome deveria utilizar. Após alguns minutos de discussão, o mesmo aluno comentou: “eu penso que quero deixar meu

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cZNX5je8Ppw>

⁵ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/1327855/>

filho 100% livre e ela que vai fazer as escolhas, sabe? Roupa, brinquedo, atividades - tudo a partir do interesse da criança.”

A proposta deste encontro foi que os estudantes comessem a questionar as ideias biologicamente colocadas em relação ao sexo que a criança vai ter. Esta visão biológica que se inicia antes mesmo do nascimento é o começo da construção que cada ser humano vai ter como ser social e cultural através do que é lido enquanto masculino, para pessoas que nascem com um pênis, e do que é lido como feminino, para pessoas que nascem com uma vagina.

A escolha dos materiais voltou-se para produtos comerciais de grande popularidade midiática, mostrando o quanto é mais difícil para a indústria comercial protagonizar e pautar questões que fujam da cisheteronormatividade, e até quando o fazem, geralmente vira piada no fim, levando à desvalorização do discurso, ao invés de uma base de informações.

b) Desconstruindo gênero

No início de cada encontro é comum que nós, bolsistas, conversemos de maneira informal com os estudantes, para descontrair. A pandemia se tornou o assunto principal dessas discussões. Neste segundo encontro temático conversamos sobre as vacinações, que se aproximavam da faixa de idade dos alunos da escola. Esse início também é muito interessante para mensurar a energia do corpo discente presente, visto que era muito difícil terem câmeras ligadas durante o encontro.

O tema deste dia também se voltou ao entendimento de gênero como uma construção social. Porém agora, depois de falar sobre expectativas antes do ser humano estar formado, falamos sobre essa construção por meio cultural, tratando sobre **representações sociais de gênero**, entendendo os signos que se referem à masculinidade e à feminilidade e como isso foi sendo construído ao longo das décadas.

Para isso trouxemos um material em vídeo que mostrava como as roupas das mulheres e dos homens haviam mudado ao longo de todo o século XX. Partimos de dois materiais de apresentação: o primeiro deles foi feito pela empresa Glam Inc, muito importante na moda inglesa.⁶ Por representar apenas corpos brancos,

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=L3e8MvTntkE>

achamos importante trazer, como segundo material, algo que fosse similar ao primeiro vídeo mas, dessa vez, trazendo pessoas negras como protagonistas. Depois de muita procura, achamos um vídeo que segue a mesma ideia, retratando os momentos históricos vinculados à resistência negra desde 1920 até o Movimento *Black Lives Matter*, presente até o momento. O vídeo foi feito pela empresa BuzzFeed.⁷

Os materiais serviram como um disparador para muitas discussões que iam além de identidades de gênero. Falamos um pouco sobre as diferentes modas de cada época e como isso reflete na moda atual. Chegou-se até a discussão sobre qual década tinha a moda mais interessante, com as de 70 e 80 ficando no páreo.

Um comentário foi feito também em relação a cores: “Roupa preta não passa personalidade”, e a partir disso, as alunas passaram a discutir o significado de cada cor, indo muito além da lógica binária colocada nos vídeos da semana anterior - rosa para meninas e azul para meninos. Uma resposta ao comentário veio, inclusive, através do chat, com uma das alunas falando: “ñ vai estragar sua personalidade, usa o q vc quiser! Preto diz muito sobre mim, eu acho que combina comigo, então ñ acho q isso estraga minha personalidade.”

No meio do encontro, quando as alunas passaram a questionar os signos que estavam atrelados ao corpo masculino e ao corpo feminino, trouxemos mais um material como fomento à conversa. Criamos uma pasta com várias fotos de artistas ou movimentos culturais e o objetivo principal das imagens era mostrar o quanto a roupa, apesar de ser uma grande interpretação de gênero, também causou rompimentos durante o século XX. Desse modo trouxemos pessoas como Coco Chanel, que cria o corte de cabelo curto que leva seu nome e também cria calças femininas na primeira metade do século.

Falamos também sobre como os movimentos culturais eram uma grande influência na moda. Como o Rap, na década de 80, que trouxe o uso de correntes e calças saruel para ambos os gêneros, seguindo para o estilo Hip Hop, que atravessa os anos 90 mas tem grande retomada nos dias de hoje com o novo nome de estilo *street*, também usado por ambos os gêneros. Na pasta é possível ver imagens do movimento hippie, momento em que era comum ver homens com cabelos compridos, algo que também passa a ser explorado por outras tribos culturais tais

⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mwzExoodAkY>

como o rock e suas variações e o surfe. É com o movimento hippie também que os homens passam a usar roupas mais soltas como batas, calças pantalonas entre outros elementos que confundem o que seria uma performance masculina de uma feminina.

Apesar deste primeiro bloco sobre identidades de gênero ainda ser focado muito no que se espera do corpo masculino e feminino na sociedade, achamos interessante trazer também, nessas fotos, pessoas que já fugiam deste padrão cisheteronormativo, assumindo uma personalidade andrógina, tais como David Bowie, Grace Jones e Boy George. Nesta linha de raciocínio, também trouxemos personalidades nacionais, para mostrar como toda essa (des)construção social se deu também em nosso país. Para isso foi usada imagens de artistas como Ney Matogrosso, Cássia Eller e também Flávio de Carvalho, em sua performance *Experiência nº 3*, feita em 1956 na Avenida Paulista, onde o artista saiu vestindo uma saia de náilon, uma camisa de manga bufante e meia-calça, gerando muitos xingamentos e também capas de revista da época.

As últimas fotos tratavam mais da contemporaneidade, trazendo personalidades mais conhecidos/as pelo corpo discente, tais como Billie Eilish, o grupo de *k-pop* BTS, muito admirado entre os adolescentes, e também figuras que quebram com essas expectativas de gênero através das roupas, tais como Billy Porter, ator americano que virou notícia ao usar vestidos de gala em importantes premiações do universo cinematográfico, e Lil Nas X, rapper que está dando o que falar este ano por conta de suas apresentações e músicas, recebendo críticas tanto positivas quanto negativas em relação ao seu trabalho.

Para concluir este encontro, trago a fala de um aluno: “As roupas deveriam dizer respeito às vontades pessoais, humor do dia e não como algo imposto”.

Não à toa, a moda foi a escolha para identificar culturalmente a leitura que se faz sobre gênero. O comentário do aluno traz um pouco do que acredito ser o objetivo deste espaço de encontro: apesar de todo estigma social e separação binária que existe atualmente, outras formas de se vestir, de andar, de sentar e se comunicar são possíveis. Nem tudo precisa ficar a gosto de uma estrutura social hegemônica opressora. Novas possibilidades são factíveis e tem que se fazer presentes de acordo com as vontades pessoais de cada um. Lugares de discussão como este que existe na Escola de Aplicação servem para afirmar que errada não é

a pessoa que quer poder se vestir à vontade, e sim o olhar julgador das pessoas que ainda sentem-se atreladas à cisheteronormalidade vigente.

c) Visitando feminismos

O último encontro deste primeiro bloco teve enquanto temática o **Movimento Feminista** e suas vertentes. Enquanto os dois encontros anteriores trataram de entender os dois gêneros binários como signos, este veio com a intenção de mostrar outro sistema instaurado no mundo ocidental - o patriarcado.

Em nossa reunião de bolsistas para pensar esta temática, nos defrontamos com uma grande dúvida: como explicar sobre o Feminismo, algo tão amplo e complexo por suas várias ramificações e desdobramentos no mundo contemporâneo, em um encontro de apenas 1 hora?

A ideia foi pensar em uma artista/pensadora para cada momento dentro da luta feminista. Acreditamos que, mostrando um panorama geral de artistas feministas de várias épocas, iríamos conseguir trazer esta teoria de uma forma menos explicativa e mais simbólica.

Começamos com uma breve introdução às ideias feministas através das sufragistas, seguindo para artistas e ativistas como Virginia Woolf, Coco Chanel, Frida Khalo, Nina Simone, Chimamanda Ngozi Adichie e ainda outras.

Apesar de ser uma ideia muito interessante, o tempo foi realmente o nosso inimigo neste dia. O ânimo com o tema foi tanto que criamos um material de 19 páginas para passar aos/às estudantes, acabando por não termos tempo de apresentar tudo que havia sido pensado. Foi o encontro menos dialógico que tivemos durante a pesquisa, com os alunos comentando pouco pelo chat e sem muito tempo de conversa durante a visualização do material.

Refletindo sobre, admiro muito a nossa coragem de ter apresentado o feminismo de uma forma mais ampla e vejo muita ligação desse nosso pensamento com a última pessoa citada neste dia.

Chimamanda Ngozi Adichie é uma pensadora feminista e escritora nigeriana tanto de ficção, como *Hibisco Roxo* quanto de livros voltados ao fomento da teoria, como *Sejamos Todos Feministas*. Porém, gostaria de trazer à tona uma palestra da autora, intitulada *O perigo de uma história única*: “É assim que se cria uma história

única: mostre um povo como uma coisa, uma coisa só, sem parar, e é isso que esse povo se torna.” (ADICHIE. 2018, p. 11)

Essa frase resume o que nós, enquanto bolsistas do Programa, não queríamos fazer. Trazer um panorama geral sobre a teoria feminista iria acabar limitando-a. Nossa tentativa de fazer um voo por todas as ramificações e tentar encaixar tudo nele, decerto, não foi a melhor escolha. Falamos que poderíamos fazer um semestre inteiro voltado apenas para conversar sobre os diferentes Feminismos que existem atualmente.

Nossa visita ao feminismo acabou sendo confusa. Numa reunião pós-encontro, falamos inclusive que a quantidade de material mais bagunçou nosso discurso do que o fez avançar. Apesar de uma tentativa muito válida, este encontro serviu para mostrar o quanto o mito do sujeito universal ainda existe, atrelado ao homem branco cis-hétero, e nossa energia de passar conteúdo que fugisse disso, em apenas um dia, pode não ter trazido tantos resultados para as alunas, mas foi de um enorme aprendizado para nós enquanto equipe. A partir desse momento vimos o quanto era mais interessante trazer poucos elementos e se aprofundar neles do que fazer uma passagem panorâmica sobre as temáticas.

Não é fácil imaginar um mundo diferente deste. Porém, multiplicando as identidades das pessoas que levamos para a sala de aula, trazendo histórias, notícias ou falando sobre mulheres, pessoas trans, gays, lésbicas, bis, pessoas negras, indígenas e demais minorias sociais, ajuda-se a disseminar e legitimar essas identidades. Encerro este capítulo com um trecho que segue na palestra de Adichie:

É impossível falar sobre a história única sem falar sobre poder. Existe uma palavra em igbo na qual sempre penso quando considero as estruturas de poder no mundo: *nkali*. É um substantivo que, em tradução livre, quer dizer “ser maior do que o outro”. Assim como o mundo econômico e político, as histórias também são definidas pelo princípio de *nkali*: como elas são contadas, quem as conta, quando são contadas e quantas são contadas depende muito de poder.” (ADICHIE. 2018, p. 11)

Foi possível, ao longo deste semestre, compreender essa noção de poder pela independência que nos foi dada em relação aos Encontros LGBTQIAP+. Além do entendimento de que com grandes poderes, vem grandes responsabilidades,

como a administração de tempo e cronograma que teve que passar por alguns ajustes ao longo dos encontros. Tendo tudo isso em nossas mãos, foi preciso bastante diálogo e energia para concretizar todas as nossas vontades.

2. Gênero é arte

*Eu quero saber quem é que foi o grande otário
Que saiu aí falando que o mundo é binário, hein*

Linn da Quebrada

A identidade de gênero e sexualidade de uma pessoa pode reiterar as normas já bem consolidadas em nossa sociedade, algo que é muito reproduzido pela cultura de massa, como as novelas brasileiras, que ainda se apresentam com roteiros frívolos sobre traição, trazendo pouca representatividade para as telas. Comumente, quando há um corpo dissidente nessas narrativas é apenas para novamente reforçar estereótipos e preconceitos. A pessoa negra só existe na teledramaturgia para sofrer racismo. O homem gay serve como alívio cômico, geralmente possuindo uma voz mais afeminada e sendo interpretado, na maioria das vezes, por atores héteros. As poucas mulheres trans/travestis que aparecem, além de pequeno destaque, sofrem transfobia a todo momento. Entender apenas essas narrativas como verdadeiras, além de um projeto político de alienação, não mostra a diversidade de gênero e sexual que existe em nosso país.

É comum ouvir falar da morte de pessoas trans, ainda mais vivendo no país que mais mata essa população. Mas ninguém fala do sucesso internacional que o documentário “Bixa Travesty”, que conta parte da trajetória de Linn da Quebrada, recebeu. Nos telejornais, diariamente, mostram-se pessoas assassinadas pela polícia, e na maioria estrondosa dos casos, são pessoas negras, geralmente homens jovens. Mas ninguém se preocupa em falar sobre o longa-metragem “*Moonlight: Sob a luz do luar*”, produção estadunidense independente que venceu o Oscar de melhor filme em 2017, trazendo uma narrativa preta e LGBTQIAP+, se tornando o primeiro filme produzido pela negritude a vencer a maior premiação de cinema existente desde 1929.

A cultura de massa serve para reificar a cisheteronormatividade fazendo com que se pense que esta é a única realidade possível. Dessa forma, entrar em contato com materiais artísticos independentes, que fogem de uma produção capitalista comercial, se torna essencial para a conversa sobre identidade de gênero e sexualidade na escola.

A identidade se tornou uma pauta pungente na arte contemporânea. No teatro, ainda em seu momento presencial, vivia-se uma explosão de adaptações de

peças com a palavra “negra/o” ou “preto/a” no título, como *O pequeno príncipe negro*, *Gota d’água preta*, *Navalha na carne negra* e por aí vai. Na música brasileira, artistas trans racializadas como Liniker, Linn da Quebrada, Jup do Bairro, Urias e muitas outras se tornam cada vez mais ouvidas. Além disso, instituições culturais passam a ver a necessidade de incorporar essas novas narrativas dentro de seu pensamento curatorial, como é o caso da *Enciclopédia Negra*, exposição da Pinacoteca de São Paulo que reuniu 103 artistas negres em seu catálogo, ou ainda a exposição no IMS - Instituto Moreira Salles, intitulada *As metamorfoses - Travestis e transformistas da década de 70*, que ficou em cartaz de Fevereiro a Setembro de 2021 e mostrava o trabalho da fotógrafa Madalena Schwartz, que fotografou corpos dissidentes em plena efervescência da Ditadura Militar. A exposição amplia também a ideia nacional, mostrando fotografias de pessoas dissidentes também na América Latina.

Essas obras que hoje começam a se proliferar tem muito a ver com uma linha de estudos que se torna cada vez mais falada atualmente: a decolonialidade.

A decolonialidade é entendida como uma forma de apresentar um movimento contrário à colonialidade. É válido ressaltar a diferença entre termos que se assemelham, mas não são iguais, entendendo colonização como o processo de tomada das terras de outro, algo que atravessou a história de muitas partes do globo, gerando por si a colonialidade, sistema que suprime a cultura da colônia em detrimento da verdade epistemológica colonial - europeia para muitas partes do mundo - privando as identidades socioculturais dos colonizados.

Nelson Maldonado-Torres, professor do Departamento de Estudos Latinos e Caribenhos e do Programa de Literatura Comparada da Rutgers University, traça aspectos sobre a terminologia relacionada à colonialidade em seu artigo *Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas*, que faz parte do livro *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Segundo ele (TORRES, 2018, P. 30):

Decolonialidade como um conceito oferece dois lembretes-chave: primeiro, mantém-se a colonização e suas várias dimensões claras no horizonte de luta; segundo, serve como uma constante lembrança de que a lógica e os legados do colonialismo podem continuar existindo mesmo depois do fim da colonização formal e da conquista da independência econômica e política. É por isso que o conceito de

decolonialidade desempenha um importante papel em várias formas de trabalho intelectual, ativista e artístico atualmente.

O intenso apagamento histórico de culturas que fugissem do padrão europeu mostra o quanto a colonização, entendida enquanto conceito sociológico, se impregna na contemporaneidade, dando mãos às ideias cisheteronormativas. Não à toa a decolonialidade se uniu à Teoria Queer, produzindo uma nova linha de estudos, a Teoria Queer of Colour, que traz as problemáticas sobre raça junto a sexualidades e identidades de gênero. Ambas abordagens pretendem desvincular a ideia de um outro que fala pelas minorias, colocando-se como porta-voz de suas histórias, além de buscar entender, ou melhor, questionar, as estruturas do mundo em que vivemos, buscando formas de transformá-las ou, ao menos, de torná-las mais flexíveis.

Tratando-se de um conceito muito amplo, trago o recorte sobre decolonialidade proposto no livro supracitado, cuja organização foi feita por Joaze Bernardino-Costa, Nelson Maldonado-Torres e Ramón Grosfoguel. O livro trata-se de uma coletânea de artigos escritos por pessoas em diferentes países colonizados. Em sua introdução, escrita conjuntamente pelos organizadores, é possível ver que:

Frente a essas lógicas da modernidade/colonialidade, que remontam ao século XVI, podemos identificar diversos momentos, ações e eventos de resistência política e epistêmica, que nomeamos, ao lado de muitos outros, como decolonialidade, giro decolonial ou projeto decolonial. Nesse sentido, adotamos neste livro uma definição ampla de decolonialidade, que não está restrita a um conjunto de autores, a fim de apreendermos os processos de resistência e a luta pela reexistência das populações afrodiaspóricas, especialmente a população negra brasileira. (COSTA; TORRES. GROSFOGUEL. 2018, p. 6)

Assim como a citação, trago a decolonialidade menos enquanto conceito acadêmico e mais como um modo de pensar dentro da sala de aula, guiando-me por mostrar às/aos estudantes que pessoas dissidentes de raça e gênero existem há muitos anos, e isso só não é de pleno conhecimento por todo racismo, machismo e LGBTfobia estruturalmente colocado na nossa sociedade desde a época colonial.

A proposta do segundo bloco do encontro LGBTQIAP+ foi de trazer materiais artísticos independentes, que protagonizam identidades dissidentes de forma plural, diversa. Intitulado de **Além do binarismo de gênero**, esse bloco contou com três

encontros que tratavam sobre transgeneridade e não-binariedade. Dessa forma, os materiais artísticos levados para fomentar o debate giraram em torno de obras de pessoas trans e brasileiras, mostrando uma diversidade maior de nosso próprio país. Vimos também o quanto era interessante aos jovens que nós compartilhássemos os perfis do Instagram das pessoas que mostramos, se tornando recorrente fazer essa troca de artistas e pensadores de nós, bolsistas, para os estudantes e vice-versa..

a) Ampliando horizontes

O primeiro encontro deste bloco representou o começo das questões sobre **transgeneridade**, que já apareceram em encontros anteriores, mas aqui voltou-se para um debate mais amplo. Por isso, decidimos começar direto com uma pergunta neste dia, trazendo o material artístico mais para o meio do encontro. Esta foi: “O que é cisgeneridade?”

Faço aqui um paralelo com o filósofo francês Michel Foucault, que traz em seu livro, *História da Sexualidade: A vontade de saber (Vol.1)*, alguns estudos que colocam o conceito de heterossexualidade como algo construído em um espaço-tempo definido, fazendo com que as sexualidades - e eu acrescento, as identidades de gênero - fossem regidas por instituições de poder.

“Até o final do século XVIII, três grandes códigos explícitos - além das regularidades devidas aos costumes e das pressões de opinião - regiam as práticas sexuais: o direito canônico, a pastoral cristã e a lei civil. Eles fixavam, cada qual à sua maneira, a linha divisória entre o lícito e o ilícito. Todos estavam centrados nas relações matrimoniais: o dever conjugal, a capacidade de desempenhá-lo, a forma pela qual era cumprido, as exigências e as violências que o acompanhavam, as carícias inúteis ou indevidas às quais servia de pretexto, sua fecundidade, ou a maneira empregada para torná-lo estéril, os momentos em que era solicitado (períodos perigosos da gravidez e da amamentação, tempos proibidos da Quaresma ou das abstinências), sua frequência ou raridade: era sobretudo isso que estava saturado de prescrições. O sexo dos cônjuges era sobrecarregado de regras e recomendações.” (FOUCAULT; 2020, p. 41)

Foucault ressalta, ao longo de todo o livro o quanto o casamento heterossexual monogâmico se construiu como órgão regulamentador por conta do sistema patriarcal (direito canônico), da Igreja católica (pastoral cristã) e da

constituição legislativa (lei civil). Esses três elementos configuram a ascensão sócio-política de sociedade que podemos chamar de ocidental.

Dessa forma, trazer a primeira pergunta sobre o que seria a cisgeneridade é questionar a norma estabelecida a todo este tempo. Não conheço nenhum material acadêmico que discorra sobre os primórdios da cisgeneridade. De toda forma, acredito que o teórico supracitado já consiga trazer elementos que dizem respeito à identidade de gênero, mesmo focando seus estudos na sexualidade.

Voltando ao encontro, de uma forma diferente de Foucault, uma das pessoas presentes respondeu a esta pergunta: “[Cisgeneridade é] tentar se encaixar nas representações sociais de homem e mulher”.

Apesar de parecer uma resposta simples, a discussão ter começado daí fez com que conversássemos muito sobre conceitos que eu apenas havia discutido, anteriormente com pessoas que pesquisem sobre o assunto. Es alunes tinham, inclusive, o domínio de conceitos que nós, enquanto bolsistas, pensamos que iria ser difícil de compreender, como a já falada cisheteronormatividade.

A conversa também passou por termos ainda mais específicos, como o de passabilidade, que ganha muita visibilidade enquanto discurso nas redes sociais voltadas ao gênero e à sexualidade nos dias de hoje.

A passabilidade está muito ligada com signos, a forma como cada pessoa se representa para sociedade. A discussão não se aprofundou neste assunto, mas passar por ele me trouxe novos respiros em relação ao que es alunes estão recebendo enquanto discussão desses temas fora da escola. Ainda mais que, junto a ela, também foi levantado o modo de tratamento mais correto com pessoas trans, de sempre perguntar o nome e o pronome que a pessoa utiliza, não tendo que supor ou interpretar nada em relação a como cada pessoa se mostra.

A próxima indagação nossa para o corpo discente foi sobre as referências trans que elus tinham, tanto em relação a artistas quanto a programas de televisão ou filmes que falassem sobre o assunto. Neste momento uma grande quantidade de nomes apareceram, desde séries famosas como *Pose*, até animes que trazem personagens trans, como *Wonder Egg* e *Attack on Titan* passando também por um grupo de *K-pop* de 2005, *Lady*, que era composto por mulheres trans, e também nomes de influenciadores digitais que falam sobre identidade de gênero e sexualidade no Instagram, tais como Jupitter, Lucca Scarpelli, Lucca Najar e

também Barbit, no Twitter. Algumas referências eu já conhecia, enquanto outras eu conheci na hora e já comecei a seguir pelas redes sociais.

Foi neste momento que mostramos para a turma o videoclipe de *Oração*, canção de Linn da Quebrada⁸ que traz, além de um ritmo de música inovador baseado no Gospel, um videoclipe de arrepiar os pelos da nuca ao retratar corpos trans negres de várias alturas, idades e fenótipos diferentes.

Após a passagem do videoclipe, divulgamos o Instagram de todas as pessoas que aparecem nele, a fim de trazer novas pessoas para os estudantes seguirem em suas redes. Além disso, passando também o Instagram de instituições formais que tratam sobre o tema, como a ANTRA - Associação Nacional de Travestis e Transexuais e também o IBRAT - Instituto Brasileiro de Transmasculinidades. Desse modo, comentamos sobre travestilidades e transmasculinidades, formas que vão além do binarismo até mesmo dentro da transgeneridade, abrindo caminho para um novo conceito, que seria comentado ao longo das duas próximas semanas: a não-binariedade.

b) Adequando-se às dissidências

A euforia ao longo de todo este trabalho final foi enorme.

A pesquisa de gênero e sexualidade nas escolas me pareceu desde o início um caminho maravilhoso para se percorrer, porém as incertezas que o momento pandêmico trouxe fizeram com que o ano inteiro fosse repleto de altos e baixos sobre o quanto tudo que estou fazendo seria compreensível para os estudantes.

Demorei para entender que este trabalho escrito indicava, na realidade, apenas um começo do que pode vir a ser uma longa jornada de pesquisa entre arte, gênero e educação, pontos-chave da minha trajetória.

O Encontro LGBTQIAP+ acontecia de forma presencial até o fim de 2019, porém ficou em pausa durante quase 3 semestres, durante a pandemia.

Os encontros online começaram a acontecer durante o mês de Junho de 2021, com apenas 3 encontros no 1º semestre que tiveram como intuito preparar o terreno para o 2º semestre. Durante esses encontros-teste, nós, bolsistas, não levamos nenhum material, apenas conversamos sobre o que os alunos gostariam de

⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=y5rY2N1XuLI>

discutir. Teve-se uma margem de 18 a 25 pessoas por encontro neste momento inicial.

Depois disso foram as férias, com as aulas voltando no início de Agosto, quando começamos o cronograma que está sendo aqui detalhado e refletido.

No início do semestre o número de participantes permaneceu parecido, mas a energia das pessoas já era diferente. Ao longo das semanas, durante as conversas iniciais, foi notável que os estudantes estavam mais cansados do que nunca ao que se refere ao online, além de alguns terem iniciado a volta presencial do ensino.

O encontro deste dia trouxe uma temática que, durante os encontros-teste, estava sendo muito frisada e reforçada como importante para o corpo discente, falando sobre **não-binariedade enquanto conceito linguístico**. Dessa forma, discutimos sobre: neolinguagem, pajubá e, o tão esperado, pronome neutro.

Olha só o que é a criação de expectativas! O número de pessoas neste encontro foi abaixo de 10, gerando um desconforto pessoal em uma temática que, além de esperada, eu queria muito tratar. De todo modo, apesar de poucas pessoas, o encontro se deu de forma habitual, com o diálogo e a troca de saberes entre alunes e bolsistas permanecendo como grande foco.

O pronome neutro foi tão comentado durante os encontros-teste que Valmir e eu criamos uma dramaturgia que trouxesse termos linguísticos e gírias utilizados por pessoas LGBTQIAP+. A criação de diálogos se deu através de um documento Word compartilhado, com Valmir escrevendo a personagem A e eu respondendo como personagem B. Por conta de imprevistos no tempo, a dramaturgia ficou reservada para quando tivéssemos uma aula específica sobre o assunto, voltando-nos a ela neste encontro. Segue a dramaturgia abaixo:

Dois amigos se encontram durante um protesto pacífico contra o atual presidente do Brasil.

A - Mona, não acredito que te encontrei aqui, precisava mesmo falar com você. sabe aquele aquê?

B - Oi bicha, não sabia que tu ia vir pro ato também não. Mas sobre esse aquê, é qual? Aquele que pegamos com a amapô?

A - Bee, amapô? O arô que te dei na semana passada.

B - Então, daquele trabalho que fizemos com a caminhoneira. O que tem ele?

A - Quero comprar um picumã novo. Vou sair com um ocó hoje e resolvi comprar um picumã novo. O aquê será mara. Consegue me entregar?

B - Claro, bee! Tá aqui ó. Depois me conta os bafos com esse aí. É mariconna?

A - Lacrou! Pisou! Babadeira! Não é mariconna não. É meio Barbie, mas erê. E você, tá feliz com a nb?

B - Sim, 1 ano e meio juntas, elu me faz muito feliz.

A - Bee, que aglomeração é aquela?

B - Eita mana, o que será? Vamo lá ver?

A - Aaaaaahhhh! Os aliban! Corre, poc!
B - Pelo amor de Deize, vamo embora manaa!

Compartilhamos a dramaturgia com os estudantes e pedimos para dois deles lerem. A proposta era que o texto fosse composto de muitas palavras usadas socialmente por pessoas que se reconhecem em identidades de gênero e sexual que fogem da cisheteronormatividade e a partir daí, trouxemos os subtemas do encontro. Seguimos com uma pergunta sobre quais palavras eram de conhecimento prévio, com poucas sendo conhecidas.

A partir disso, comentamos sobre como cada grupo cultural tem sua própria gíria e modos de expressão verbal, que muitas vezes só fazem sentido quando se tem conhecimento sobre aquilo. Algumas palavras do texto foram reconhecidas enquanto xingamentos, palavras que poderiam ser uma ofensa, tratando de algo muito comum nas minorias dissidentes, de ressignificar um termo outrora preconceituoso, como aconteceu com a palavra “bicha” e também com o termo inglês *queer*. Um aluno, neste momento da discussão, escreveu: “acho legal usarmos termos que nos eram dados pejorativamente para desconstruir e superar isso”. Ao questionar sobre o significado da palavra pajubá, o mesmo aluno disse: “parece nome de fruta, mas me remete a alguma palavra de origem indígena.”

Válido explicar que Pajubá, mesmo parecendo, não é de origem indígena, e sim africana. A palavra, que poderia ser entendida como “fofoca”, “novidade”, se configura também enquanto um dialeto social usado por terreiros de candomblé há muitos anos. O dialeto passou a ser amplamente utilizado também pela comunidade LGBTQIAP+, com grande foco às travestis que, durante a Ditadura Militar, usavam o Pajubá como forma de comunicação entre as suas, com o intuito de despistar e se esconder da grande repressão policial proveniente daquele período histórico. Após isso, o dialeto continuou na boca das manas, monas e manes, configurando-se em termos usados ainda hoje, como *amapô*, que significa mulher, ou ainda *picumã*, também chamado de cabelo.

O último assunto do encontro foi exatamente a estrutura gramatical do pronome neutro. Para isso, compartilhamos uma publicação do influenciador digital Jupiter.⁹ No post, é possível ver como se daria, na língua portuguesa, as contrações e demais formas que o pronome neutro “elu” pode assumir, de maneira formal e

⁹ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CSuy1ghsxNV/>

dentro das normas linguísticas existentes, além de mostrar flexões de gênero que também são neutras. Jupiter, inclusive, criou um curso voltado apenas para a neolinguagem, que abre vagas regularmente.

O pronome neutro não foi uma grande questão para ninguém presente naquele dia, com todos comentando sobre a importância disso ser ensinado e mais utilizado. Uma aluna escreveu: “nossa o susto que as pessoas tomam se eu uso pronome neutro para falar com algum grupo”.

O pronome neutro é uma forma de desconfigurar uma ideia binária do mundo, que se volta apenas para homens e mulheres. Começar a utilizá-lo é também validar socialmente que existências não ligadas à binariedade são legítimas. O fim do encontro trouxe uma questão muito comum quando se trata de pronome neutro: a mudança gramatical que isso causaria. Porém, a publicação de Jupiter já trouxe, de uma forma sucinta e didática como poderiam se dar essas trocas na língua formal. Nathália Barreto, estudante da graduação em Letras pela FFLCH e nova bolsista do Programa, que estava em seu primeiro encontro neste dia, também comentou o quanto a linguagem é algo vivo e em constante transformação, fazendo com que o argumento sobre as mudanças oficiais não se tornem concretos.

Es estudantes estão tendo conhecimento sobre o pronome neutro mesmo fora da aula, com este assunto cruzando as redes sociais de muitas pessoas influentes no momento. Trazer a linguagem neutra para o uso comum em todos os ambientes é a melhor forma de fazer com que pessoas não-binárias que utilizam este pronome - como quem aqui escreve - se sintam confortáveis e pertencentes a esses espaços sociais que permanecem estruturados binariamente. A adequação às dissidências mostra o quanto cada espaço institucional realmente se importa com questões sócio-identitárias ou apenas usam deste discurso quando melhor lhes apetece.

c) Construindo [novas] identidades

Este encontro deu continuidade às discussões da semana anterior, tendo o mesmo número de participantes. Nos aprofundamos mais em conceitos, como cisheteronormatividade e falamos sobre **performance queer**, explicando brevemente este conceito e como as pessoas podem ou não se encaixar neste modo de vida que preza pelo questionamento à normatividade vigente.

O material escolhido para fomentar o debate foi novamente visual, nos voltando para a expressão de gênero de cada uma a fim de retratar pessoas e personagens que, de diferentes formas, não seguem um padrão binário estabelecido. Para isso, fizemos uma seleção de imagens mostrando artistas das mais variadas áreas, todos pertencentes à comunidade LGBTQIAP+, com grande foco em pessoas trans e também racializadas.

Foi interessante que, naquela mesma semana, havia acontecido o Met Gala, evento que acontece em Nova Iorque e funciona como um baile beneficente para o departamento de moda do Museu de Arte Metropolitana da cidade, reunindo muitos/as artistas e celebridades da contemporaneidade. Então, desde o início do encontro, quando ainda estávamos aquecendo e esperando as pessoas chegarem, já demos início às questões do dia, visto que artistas da nossa seleção haviam estado no evento.

A seleção de imagens trouxe artistas já anteriormente citados nos encontros, como Linn da Quebrada e David Bowie, mas também trouxe novos nomes como Elliot Page, ator que teve uma transição de gênero recente e depois da fama, trazendo novos debates sobre representação no ambiente cinematográfico. Além de pessoas da música, do cinema, da moda e também do universo drag, trouxemos, nas imagens, personagens que fogem do binarismo de gênero, tanto em *animes*, sugeridos pelos/as estudantes em encontros anteriores, até personagens de quadrinhos e também históricos, como Xica Manicongo, que nos últimos anos passa a ser reconhecida como primeira travesti do Brasil, tendo seus documentos sobrevivido desde o século XVII.

Em nossa reunião de preparação para este dia, vimos a relevância de trabalhar sobre o conceito da não-binariedade, aproximando-se da expressão de gênero que cada pessoa pode ter, mas também de pautá-la como identidade, para aquelas pessoas que não se sentem confortáveis nas definições pré-estabelecidas entre feminino e masculino.

Este encontro marcou o fim da nossa trajetória discutindo sobre identidade de gênero. E também marca o fim das minhas análises sobre o Encontro LGBTQIAP+ da Escola de Aplicação. Os encontros aqui abordados aconteceram durante os meses de Agosto e Setembro de 2021.

Além desses 2 blocos sobre gênero, também houve espaço para um bloco sobre sexualidades, durante o mês de Outubro, e o último bloco falando sobre Direitos e Preconceitos da comunidade LGBTQIAP+.

Como dito anteriormente, este trabalho simboliza o início de uma junção entre arte, gênero e educação, campos que trazem muitas coisas em comum.

Ao longo dos encontros foi notável o quanto as pessoas que estavam presentes gostavam de discutir sobre o assunto, com comentários como: “Foi ótimo o encontro, ele sempre anima o meu dia” e similares acontecendo ao longo de várias semanas.

Es alunes já estão mais do que prontos para avançar nas discussões identitárias, com alguns alunes trans da escola trazendo pautas pertinentes para o seguimento da conversa. Além disso, o tom do encontro se manteve sendo uma conversa mais informal, não regida pela energia muitas vezes autoritária da sala de aula. O material artístico também falava por si só, com muitos deles dando um novo gás e novas possibilidades para o debate.

O encontro foi o espaço onde as ações dessa pesquisa se deram de forma mais satisfatória, por haver essa regularidade semanal. Porém, outras ações também foram possíveis de serem realizadas ao longo deste ano. Tudo isso se deu, sem dúvida alguma, pela própria organização da escola, que se preocupa em gerir e dar continuidade a programas como este.

Como seria então, pensar nesses programas de forma estrutural na escola?

Depois de um ano e meio de pandemia, muita coisa mudou. E muitas ainda podem mudar. Que tipo de escola queremos (re)construir? Será que os moldes de outrora ainda continuarão a se perpetuar? Ou será possível pensar um ambiente escolar que seja mais humano para todas as identidades ali presentes? Será que assuntos às vezes vistos como tabu ou besteira, tais como a multiplicidade de relações sexuais ou ainda a saúde mental dos alunes, passarão a ser tratados de forma dialógica e coerente?

Este parece o melhor momento para se pensar uma pedagogia *queer*, que busca questionar os moldes pré-estabelecidos a fim de refletir sobre o mundo em que vivemos e também poder construir um novo, de maneira mais diversa, e é exatamente sobre esse viés que se constroem os caminhos finais desta pesquisa.

Vistos sob essa perspectiva, uma pedagogia e um currículo queer “falam” a todos e não se dirigem apenas àqueles ou àquelas que se reconhecem nessa posição-de-sujeito, isto é, como sujeitos queer. Uma tal pedagogia sugere o questionamento, a desnaturalização e a incerteza como estratégias férteis e criativas para pensar qualquer dimensão da existência. A dúvida deixa de ser desconfortável e nociva para se tornar estimulante e produtiva. As questões insolúveis não cessam as discussões, mas, em vez disso, sugerem a busca de outras perspectivas, incitam a formulação de outras perguntas, provocam o posicionamento a partir de outro lugar. Certamente, essas estratégias também acabam por contribuir com a produção de determinado “tipo” de sujeito. Mas, nesse caso, longe de pretender atingir, finalmente, um modelo ideal, esse sujeito – e essa pedagogia – assumem seu caráter intencionalmente inconcluso e incompleto. (LOURO, 2004, p. 52)

3. Gênero é educação

A teoria queer permite pensar a ambiguidade, multiplicidade e a fluidez das identidades sexuais e de gênero, mas, além disso, também sugere novas formas de pensar a cultura, o conhecimento, o poder e a educação.

Guacira Lopes Louro

Guacira Lopes Louro é professora aposentada da Pós-Graduação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul onde fundou, durante a década de 90, o GEERGE (Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero), se tornando um precursora da discussão sobre teoria queer em solo brasileiro. A professora atrela às consequências sociais relacionadas à identidade de gênero as estruturas de biopoder estabelecidas enquanto norma. Dessa forma, propõe em sua prática modos de repensar o currículo escolar, que também sofre com a estrutura social vigente. Seu livro *Um corpo estranho*, reúne quatro artigos que trazem relações entre a identidade de gênero e a educação e ao longo de todos os artigos uma coisa em comum está em voga: como se daria um currículo ou uma pedagogia queer?

A autora traz também o questionamento de como este currículo se daria no Brasil, visto que a palavra queer perde significado em nossa língua. Portanto, o termo “estranhar” o currículo aparece, nomeando um dos artigos e incitando a reflexão de como seria possível essa aplicação no contexto escolar:

A ideia é pôr em questão o conhecimento (e o currículo), pôr em questão o que é conhecido e as formas como chegamos a conhecer determinadas coisas e a não conhecer (ou a desconhecer) outras. Não se trata, propriamente, de incorporar ao currículo (já superpovoado) outro sujeito (o queer), mas sim, mais apropriadamente, de pôr em questão a ideia de que se disponha de um corpo de conhecimentos mais ou menos seguro que deva ser transmitido. [...] Trata-se ainda, e fundamentalmente, de questionar sobre as condições que permitem (ou que impedem) o conhecimento.” (LOURO. 2004, p. 65)

Portanto, uma pedagogia queer pretende questionar a estrutura vigente, relacionando-se fortemente com os estudos decoloniais, a fim de trazer uma nova epistemologia, mais diversa e plural.

Questionar o nosso modo de ensino-aprendizagem não aparece apenas nos estudos relacionados à teoria citada, tornando-se algo que já é discutido na educação brasileira desde o meio do século passado, por um de seus maiores pensadores.

Paulo Freire afirma, em *A pedagogia do oprimido*, que o processo educacional se dá de forma bancária, não levando o corpo discente à reflexão, apenas como depósito de informações. Por isso, as/os estudantes, oprimidas/os pelo sistema, seguem apenas dois caminhos possíveis: ou se assimilam às normas vigentes, se tornando opressores, ou aceitam seu lugar de opressão como algo inabalável e imutável. Portanto, a educação libertária como proposta para se desvincular desse pensamento bancário, cria um novo caminho para o/a oprimido/a:

“E essa luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscarem recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealisticamente opressores, nem se tornam, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos. E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos - libertar-se a si e aos opressores. (FREIRE. 2013, p. 40)

O outro para Beauvoir. O oprimido em Freire. O corpo estranho na teoria queer. As pessoas colonizadas para a decolonialidade. Todos esses sujeitos trazem relações identitárias em comum, constituindo-se enquanto uma dissidência social por conta da identidade de gênero, raça, sexualidade ou classe.

Todas as linhas de estudo trazem o pensamento comum de que a sociedade impõe ideias sobre nossos corpos e mentes ao longo de nossas vidas, desde a sexualidade até o modo como nos vestimos e nos comportamos, cabendo a cada uma de nós se assimilar a essas ideias, se deixar levar por elas ou ainda fazer o movimento contrário a elas.

É com base no último movimento, a força contrária, que esta pesquisa se baseou, na tentativa de propor, se não um currículo, ao menos um cronograma *kuir*¹⁰, pensado de forma a se relacionar não só com as propostas metodológicas do Programa ou da graduação em Artes Cênicas, mas também trazendo elementos que se voltassem ao interesse dos estudantes, com o intuito de promover maior prazer

¹⁰ Esta é uma forma de abrigar o termo, usando-se da letra K, muito utilizada nas línguas originárias do país. Deste ponto em diante, passarei a utilizar esta forma para designar esta teoria.

durante o ensino-aprendizagem, proporcionando reflexões que comesçassem nas salas de videochamada mas que pudessem ser pensadas ao longo dos dias.

integrar-se a sociedade não é algo possível para todos os corpos. Ainda mais no mundo multicultural em que vivemos, onde as pessoas assumem diversas identidades diferentes e que se transformam. Pensando numa via interseccional, que leve em conta raça, gênero e classe, fica ainda mais nítido o quanto a assimilação não deve ser o ponto principal da educação, e sim a multiplicidade de conteúdos a serem passados, visando uma pluralização e flexibilidade de todas as identidades.

Bel Hooks, importante pesquisadora acadêmica dos Estados Unidos, se debruça contemporaneamente sobre a promoção de uma sala de aula que seja diversa, trazendo a posição unilateral de discurso como uma escolha política, ao dizer que “nenhuma educação é politicamente neutra.” Ao que se segue:

Mostrando que o professor branco do departamento de literatura inglesa que só fala das obras escritas por “grandes homens brancos” está tomando uma posição política, tivemos de enfrentar e vencer a vontade avassaladora de muitos presentes de negar a política do racismo, do sexismo, do heterossexismo etc. que determina o que ensinamos e como ensinamos. (HOOKS. 2017, p. 53)

Desse modo, trago a pedagogia e currículo kuir como uma forma de renovação da educação libertária proposta por Freire, trazendo para essa pesquisa uma nova perspectiva educacional, onde autores/as e artistas não-brancos, não-cis e não-héteros ganhem o merecido destaque. Além disso, a proposição de uma educação baseada na práxis, no processo de ação e reflexão, também foi muito levado em consideração ao longo deste ano, com o diálogo sendo o ponto chave entre a relação alunes-bolsistas.

A Escola de Aplicação foi um terreno fértil para a exploração de uma metodologia que fugisse da habitual. A existência de programas que tragam questões paralelas mas relevantes mostra uma possibilidade de estranhamento à normalidade escolar, promovendo questões transdisciplinares em horários encaixados dentro do currículo.

O Programa de Gênero e Sexualidade definiu muito como a pesquisa se deu ao longo desses meses, com o encontro LGBTQIAP+ sendo a ação em que eu,

Valmir, e demais bolsistas do Programa mais tivemos trocas com estudantes. Porém, a escola também contou, ao longo do ano, com algumas entradas em salas de aula. As entradas¹¹ durante o ensino remoto, aconteceram de forma mensal, ocupando o período do Espaço-Projeto. Elas aconteceram ao longo de todo o ano e as turmas eram variadas ao longo dos meses:

- Fevereiro - 9º ano - Ensino Fundamental
- Março - 9º ano - Ensino Fundamental
- Abril - 6º, 7º e 8º ano - Ensino Fundamental
- Maio - 1º, 2º e 3º ano - Ensino Médio
- Junho - 6º e 7º ano - Ensino Fundamental
- Agosto - 8º e 9º ano - Ensino Fundamental em um dia e 1º, 2º e 3º - Ensino Médio em outro.

As entradas eram planejadas pelo grupo de bolsistas que levavam a proposta para as reuniões entre o grupo de professores do Programa para revisão. Válido ressaltar o quanto o corpo docente era aberto para as nossas ideias, com essas reuniões funcionando para que ele/elas dessem indicações e também propondo ideias a partir daquilo que pensamos. Por haver encontros simultâneos, era designado ao menos um professor e um bolsista para cada turma, dessa forma as reflexões deste capítulo estarão atreladas mais às turmas em que eu estive presente ou à construção metodológica da entrada em si, visto que para cada dia foi feito um documento com o plano de aula.

Refletindo sobre a pesquisa, me vem também as suposições de como ela poderia ter se dado, de forma presencial. Essa ferida que não cicatrizou representa uma parte que me era muito cara aos tempos antigos: atividades práticas.

Imaginei meu projeto final, desde o início da graduação, como algo que fosse acontecer em alguma escola da região, com alguma temática envolvendo teatro, talvez narração, algo que eu tinha bastante interesse de pesquisa, talvez algo mais corporal, ligado ao Maracatu, manifestação popular da qual faço parte. Ou até mesmo a pesquisa de figuras da cultura popular brasileira ou mitologias universais, meu fascínio desde a infância.

¹¹ Nome dado a aula de 50 minutos de duração, onde acontece as ações do Programa.

De todo modo, imaginava-me tratando corporalmente de algum assunto de meu interesse e o modo de levar isso para os estudantes.

Tematicamente, acabei tratando de algo muito pessoal, estudos que me ajudaram a pensar e refletir sobre o mundo em que vivemos, fazendo com que eu refletisse sobre o meu lugar neste mundo, enquanto pessoa que quer se fazer presente independente da identidade que tem. Porém, durante muitos momentos ao longo deste ano, enquanto estava animado falando sobre gênero e sexualidade, me vinha aquele embrulho no estômago de não ter feito coisas práticas.

Mas é válido dizer também que foi uma escolha. Uma falta de interesse meu em fazer algo prático pelos meios remotos que me foram oferecidos por conta da pandemia global.

Ao longo do ano até pensei na possibilidade de propor alguns encontros com alguma turma, para elaborar um plano de aulas que trouxesse maiores elementos do teatro, junto às temáticas do programa. Porém, visto as incertezas da escola em relação à volta ao presencial, junto com um acúmulo e sobrecarga pessoal, resolvi deixar a ideia de lado.

Contudo, foi possível fazer um evento maior, que mobilizou toda a escola e também simbolizou a finalização desta pesquisa-ação: a IV Jornada de Gênero e Sexualidade. O evento aconteceu de forma remota, na segunda quinzena do mês de Setembro, tendo 2 dias de encontro com cada turma, de forma simultânea, com professores/as, bolsistas e também uma pessoa convidada para discutir sobre um assunto específico que envolvesse gênero, sexualidade e como essas problemáticas afetam tanto a estrutura social em que vivemos quanto o cotidiano dos alunos.

Para trazer um pouco do assunto norteador da pesquisa: materiais artísticos como fomento de discussões de gênero. Cada sala teve uma separação temática ao longo dos dois encontros, com um dia sendo um debate mais social e político e o outro se tratando de alguma linguagem artística em relação à discussão proposta.

a) Explorando [novas] entradas

A ação que perdurou por mais tempo ao longo dessa pesquisa foram as entradas do Programa de Gênero e Sexualidade, que aconteceram desde Fevereiro, antes mesmo de eu começar o ano letivo na faculdade.

Apesar de mais tempo, o fato de ser mensal e de ocorrer com diferentes turmas ao longo do semestre, tornou mais difícil pensar as atividades de modo linear, como aconteceu nos encontros LGBTQIAP+. E também, por termos iniciado a condução dessas entradas antes do início oficial da pesquisa, nem todos os planos de aula que foram feitos levava em consideração materiais artísticos como disparadores da discussão. Dessa forma, irei tratar aqui sobre as entradas que me pareceram mais relevantes para a pesquisa, pensando seu conteúdo e o processo de cada plano de aula/metodologia.

O mês de Abril representou a primeira entrada pensada por mim junto ao grupo de bolsistas, que naquela época contava com Valmir, Júlia. Naquele mês, iríamos fazer encontros simultâneos com o 6º, 7º e 8º ano do Ensino Fundamental II.

Para o 6º ano, neste dia, levamos o tema das **mudanças corporais que afetam o corpo dos adolescentes**, através de um episódio da série “Que corpo é esse?”, promovida pelo canal Futura¹². E também perguntas disparadoras para a discussão. Falamos como este ano escolar, em específico, ainda está começando a falar sobre certos assuntos que dizem respeito ao gênero e à sexualidade. Além disso, se tratando do primeiro ano do Ensino Fundamental II, não sabíamos o que aquele grupo tinha de conhecimento prévio. Por isso, depois desse primeiro material discutido, passou-se um novo material mostrando possíveis temas que elus gostariam de trabalhar nas próximas entradas, tais como: família, bullying, identidade de gênero, assédio e divisão de tarefas domésticas.

Para o 7º ano o tema foi **representatividade**, partindo de uma discussão fomentada pelos símbolos em nossa sociedade que dizem respeito ao feminino e ao masculino. Apresentamos o símbolo comumente visto nos banheiros, assim como o símbolo clássico do masculino (♂) e do feminino (♀), e também o símbolo que representa a transgeneridade (abaixo).



¹² Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9336449/>

Depois de discutidos os símbolos, passou-se o trailer do filme *Alice Junior*¹³, longa-metragem brasileiro que tinha entrado recentemente para o catálogo da Netflix e estava sendo comentado por ser a primeira história nacional protagonizada por uma pessoa trans a estar nesta plataforma. As perguntas disparadoras após o vídeo se deram em pensar qual símbolo melhor representa Alice e quantas Alices as pessoas da turma conheciam.

O 8º ano foi a turma que eu acompanhei e teve um esquema de entrada bem próximo ao anterior, com o tema principal sendo a **cisnormatividade**. Para isso, partimos de uma pergunta-chave que abriu o dia: o que vocês entendem por homem e mulher?

As respostas variaram de algumas formas que parecem ir se somando: “São gêneros”, “São gêneros definidos pela genital”.

Após esse primeiro questionamento, partimos para o material disparador que dizia respeito a um trecho do livro *Orlando*, romance escrito por Virginia Woolf em 1928. A história fala de uma pessoa, Orlando, que um dia acorda no corpo de uma mulher e passa a ser chamada pelos pronomes femininos. O trecho escolhido falava diretamente sobre este momento de mudança de Orlando.

Após a leitura, conversamos sobre qual processo estava acontecendo na narrativa e da mesma forma que a pergunta inicial, a conversa foi gradual. Primeiro falaram sobre como parecia que Orlando estava sendo perseguido, vigiado por alguém, tratando a figura no masculino. Depois vieram afirmações pelo chat tais como: “Ele foi ficando mais afeminado?” e também “Ela se descobrindo”.

Depois que o pronome feminino apareceu uma vez no chat, a charada foi matada, com muitos comentários sobre Orlando ser uma pessoa trans e o texto falar sobre essa mudança de sexo/gênero, mesmo que de uma forma que fugisse da realidade.

A discussão tomou seu rumo neste momento, com muitas pessoas interagindo pelo microfone e pelo chat para tratar da diferenciação de certos assuntos. Foi perguntado o que era uma pessoa cis, a diferença entre identidade de gênero e sexualidade e fomos discutindo essas questões, respondidas tanto por mim e pela professora de teatro Adriana Oliveira, que também acompanhou este encontro, quanto pelos/as estudantes da turma. Chegou-se até a falar sobre uma

¹³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QCAW9sGxNhU>

sexualidade que estava sendo muito falada naquele momento do ano, conhecida como “Super hétero”, uma sexualidade que se configura desde o início como um preconceito, visto que a definição dela seria de pessoas héterossexuais que não se envolvem com corpos trans. Exemplo: um homem cis hétero que não ficaria com uma mulher trans só pelo fato dela ser trans. Dessa forma, questionou-se essa sexualidade: “onde está a atração neste caso?” Se fosse a respeito da expressão feminina, este homem hétero poderia ficar com uma mulher trans, que busca esta expressão. Se fosse a respeito do órgão genital que a pessoa tem, esse homem hétero ficaria com um homem trans? Como validar uma sexualidade que exclui pessoas trans, colocando novamente a cisgeneridade como única opção vigente?

O debate foi bastante acalorado neste assunto, criando discursos opostos dentro da sala de aula, com alguns defendendo que os super héteros são tão válidos quanto as demais sexualidades e outros falando que por ter surgido com base em discurso de ódio e transfobia, não deveria ser considerada como sexualidade.

Para colocar ainda mais lenha na fogueira, trouxemos uma postagem do Transceda, página do Instagram criada por Raphaella Gomez e Venuz Capel, casal de pessoas não-binárias que vivem na Baixada Santista e que se somam numa parceria comigo tanto na amizade quanto profissionalmente. O post falava sobre a cisnormatividade enquanto conceito.¹⁴

Esse encontro serviu muito como uma abertura de conversas, o chat rolou solto com esses discursos diferentes, e o debate oral também se manteve de muitas formas, trazendo o chat para suscitar algumas questões. De todo modo, a entrada foi além de seu propósito, com muitos termos surgindo ao longo dela através do próprio corpo discente, tais como: pansexualidade, demissexualidade, assexualidade, arromanticidade e pessoas não-binárias. Todos os termos e também os diferentes níveis de conhecimento sobre o assunto enriqueceram a entrada e as dúvidas que não foram sanadas dentro do tempo se tornaram possíveis temas para os próximos encontros com esta turma.

Outra entrada interessante à pesquisa foi a de Maio, com o Ensino Médio. As professoras da escola vinham falando há algum tempo para nós, bolsistas, pensarmos em alguma atividade mais lúdica, como um jogo.

¹⁴ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CKCi9gggnkg/>

Para isso, eu trouxe à nossa reunião de preparação um jogo de perguntas e respostas chamado **Direitos e Preconceitos** criado pelo Fast Food da Política em parceria com a Vote LGBT e que se tornou também o tema desta entrada. O jogo se trata de perguntas e respostas sobre algum avanço legislativo ou social para a comunidade LGBTQIAP+ no Brasil, desde coisas ligadas a representatividade, como o primeiro beijo homossexual em uma novela brasileira até questões políticas sobre quem foi a primeira deputada trans do país ou quando pessoas LGBTs puderam doar sangue. Todas as respostas eram um ano, ou ainda a possibilidade de não haver resposta, falando sobre os direitos ainda não conquistados.

O jogo tem muitas questões, desse modo tivemos que filtrar as mais interessantes de serem discutidas em sala de aula. Depois de filtradas, pensamos no modo de apresentar o jogo às/aos estudantes. O modo escolhido foi um quiz online de múltipla escolha.

Para não começar direto no quiz, decidimos mostrar um mapa mundial que destacava os países onde ser LGBTQIAP+ era crime, assim como os países que têm as melhores políticas para essa comunidade. Preparamos também uma série de fotografias de Robin Hammond, fotógrafo australiano que tem um trabalho chamado *Where love is illegal* (onde amar é ilegal, em tradução livre), que seria mostrado no final.

O quiz foi passado para as três turmas do Ensino Médio. Eu fiquei com o 1º ano junto com a professora Milena Bushatsky, de Educação Física. O quiz em si rolou bem neste dia. Entretanto, não tivemos tempo hábil para uma discussão longa sobre as perguntas do jogo, nem durante nem após sua feitura. E também não tivemos tempo de mostrar as fotografias no fim. A falta de tempo se deu pelo atraso em iniciar a atividade, pois por estar acontecendo de forma simultânea, dificuldades técnicas foram enfrentadas em relação a como funcionaria o jogo para as três turmas. De qualquer forma, a proposição de uma atividade menos dialógica e mais lúdica pareceu encantar os alunos, que se comunicaram pouco verbalmente mas se expressaram através do chat.

Achamos a ideia do quiz tão interessante que nos voltamos a ela durante o mês de Agosto, quando fizemos uma entrada com o 8º e com o 9º ano. Reciclar um plano de aula já pensado anteriormente se mostrou muito relevante, pois conversamos sobre o que deu errado e o que poderia melhorar. Dessa forma,

tiramos o mapa que abriu a entrada do Ensino Médio assim como as fotografias no fim, deixando o quiz como único conteúdo a ser explorado e discutido. Além disso, estávamos mais preparados em relação à dinâmica do site em si, não tendo maiores dificuldades técnicas.

O 8º ano, turma que eu acompanhei, se mostrou muito presente no jogo, com comentários acontecendo tanto pelo chat quanto pelo áudio. A professora Adriana, que acompanhou a atividade, também colaborou muito questionando e entrando na brincadeira com os estudantes, e deu para discutirmos todas as perguntas do quiz, trazendo ainda as informações que constavam na carta do jogo de origem. Foi uma aula muito deliciosa para mim e acredito que para os alunos também, visto que conseguimos conversar sobre coisas sérias de uma forma leve e lúdica. Não foi uma aula que nos verticalizamos em um assunto, mas enquanto atividade isolada, se mostrou muito eficaz, além de ser uma proposta que se encaixa perfeitamente no tempo de até 50 minutos de duração, contando ainda com as falhas de internet providas do nosso contexto atual.

O mês de Agosto também teve uma nova entrada com o Ensino Médio. Nos voltando novamente para a atividade do mês de Maio, pensamos em retomar as fotografias de Robin Hammond. Descobrimos que *Where love is illegal* era um projeto maior do que imaginávamos, documentando a história de pessoas dissidentes ao redor do mundo, com fotos e trechos de entrevistas das histórias pessoais. A partir do site¹⁵, pensamos no plano de aulas que poderia ser feito, com o tema **Onde amar é crime** sendo escolhido. Seleccionamos 20 fotos do site e as dividimos em quatro pastas.

A ideia foi de começar a entrada retomando a anterior, falando sobre o mapa que mostrava os países que criminalizam pessoas LGBTQIAP+. Depois disso, dividimos a turma em 4 grupos, deixando uma pasta para cada. Junto com as fotos das pastas, deixamos também algumas questões que deveriam ser discutidas em grupo e depois comentadas para a sala em geral. Elas foram:

1. Legendem uma das imagens para comentar no conjunto da sala;
2. Pensando que vocês estão diante de crimes, como justificá-los?
3. Como retirar essas pessoas retratadas da ilegalidade? Citem estratégias de redes de proteção.

¹⁵ URL do site: <https://whereloveisillegal.com/>

Eu fiquei novamente com o 1º ano do Ensino Médio, junto à professora Milena. Durante a divisão, fiquei junto a um grupo específico, tendo que instigar um pouco a discussão. A professora foi passando entre as salas de videochamada para ver como estava indo as coisas. A discussão no final foi morna, com poucas pessoas interessadas em compartilhar como foi a conversa nas salas separadas. Porém pareceram gostar bastante das fotos, tanto que a parte mais instigante da discussão foi quando falaram sobre as legendas, ou títulos, criados para cada uma delas.

A seleção de imagens em cada pasta foi feita de modo de que houvesse algumas fotografias com temáticas semelhantes em cada uma. Elas diziam respeito a pessoas trans/corpos dissidentes, assim como fotos de família constituídas por 2 mulheres ou 2 homens. Outro tema recorrente era religião, nas suas plurais manifestações.

Os títulos dados foram muito poéticos e abrilhantaram um pouco a discussão. Uma foto, por exemplo, mostrava uma mulher negra com o quadro de um jovem negro na mão. O título escolhido foi: “Saudade”. Outra foto trazia uma pessoa negra fumando um cigarro e encarando a câmera seriamente. Ela está usando um vestido vermelho e também um batom dessa mesma cor, levando ao título: “Intenso Sangue Vermelho”. Outra foto trazia uma pessoa com as mãos amarradas nas costas, e a cabeça coberta por um pano, recebendo o nome de “Tortura”, e a última imagem nomeada pela turma recebeu o título de “Pray the gay away”¹⁶, e mostrava um homem negro em posição de reza e com um crucifixo em mãos.

Depois destas entradas de Agosto até o momento de escrita deste trabalho, nenhuma outra entrada foi feita, pois a escola iniciou seu processo de retomada das aulas presenciais. Porém ao longo do ano foi muito interessante ter este espaço como pesquisa-ação, visto que era possível desenvolver temas mais específicos de acordo com as turmas que íamos passando ao longo dos meses. A organização deste material também foi muito importante, pois ao retomar as atividades já feitas pudemos aprimorá-las e torná-las ainda mais concretas e dialógicas. Foi um espaço que deu um gás muito grande durante o primeiro semestre desta pesquisa, e com

¹⁶ Rezando para manter gays distantes, em tradução livre

esta possibilidade de retomar as atividades criadas anteriormente durante o início do 2º semestre.

b) Criando [novas] jornadas

A última ação do projeto foi pensar a programação da IV Jornada de Gênero e Sexualidade da Escola de Aplicação.

A Jornada foi um evento que eu pude acompanhar enquanto estagiava em outros projetos da escola, portanto desde aquele primeiro contato, e também ouvindo as histórias das atividades que já aconteceram, me parece um evento muito necessário de permanecer no calendário da escola, pois, no modo presencial, levou convidadas de diferentes lugares para aquela comunidade escolar. Pessoas do cenário político, como Erika Hilton, e também atrizes de novelas como Chiquititas e Malhação já participaram do evento. Dessa forma, elaborar uma jornada online foi, desde o início desse ano, algo muito comentado por Valmir, eu e demais bolsistas do projeto.

A maior dificuldade para fazer a Jornada acontecer foi pensar a sua reestruturação para o virtual. Como dito anteriormente, a escola enfrentou a volta ao ensino presencial durante o início do segundo semestre. Dessa forma, o espaço mais viável onde todas as alunas ainda estavam presentes de modo remoto era no horário selecionado para os Espaços-Projeto. Por isso, reservamos duas semanas seguidas, nos dias 17 e 24 de Setembro, para pensar a programação da Jornada. Durante uma hora desses dois dias, todas as turmas do Ensino Fundamental II e Ensino Médio estavam conectadas em videochamadas para conversar sobre algum tema que atravessa os campos de gênero e sexualidade. Sete encontros simultâneos que mobilizaram estudantes, docentes do Programa, outros professores/as da escola e convidadas vindos dos mais diversos lugares.

A programação para o evento deste ano foi elaborada com base no momento em que vivemos, com as convidadas sendo pessoas realmente próximas de bolsistas, inclusive pessoas que já estiveram em edições anteriores da Jornada. Os assuntos abordados foram escolhidos de acordo com os estudos já desenvolvidos e realizados pelas pessoas que mostraram interesse e disponibilidade para os dias previstos, com a proposição de que cada turma iria ter uma conversa que contivesse mais teor artístico em um dia e outra em torno de questões político-sociais no outro. Segue a programação completa:

17 de Setembro

- 6º ano - Cinema Feminista com Kelly Sabino
- 7º ano - Saúde Mental com Abe
- 8º ano - Binarismo de gênero no ambiente escolar com Ferícia Lopes
- 9º ano - Arte Drag com Lilith Prexeva
- 1º ano EM - Diversidade sexual e de gênero na Música com Ü Von Haus
- 2º ano EM - Danças LGBTs com Valmir PS
- 3º ano EM - Contracepção: de quem é a responsabilidade? com Mary Mari

24 de Setembro

- 6º ano - Identidade de gênero: o que é? com Mari Costa
- 7º ano - Diversidade sexual e de gênero na Música com Alexys Agosto
- 8º ano - Representatividade trans no SLAM com Armr'Ore Gabriel e Luna Dy Cortes
- 9º ano - Nome social nas escolas com Coletiva Xika Manicongo
- 1º ano EM - Respeito x Violência: drogas, feminicídio, preconceito e outras questões contemporâneas com Ernani
- 2º ano EM - LGBTfobia no ambiente escolar: como combater? com Transceda
- 3º ano EM - Performances dissidentes com Ewerton Correia

Durante a primeira semana do evento, acompanhei o 8º ano, que contou com a participação de Ferícia Lopes, travesti e estudante de Letras pela FFLCH/USP. Ela, assim como eu, tomou consciência de sua identidade, em parte, quando se voltou ao ambiente escolar, lugar que se configura enquanto primeiro espaço de convívio social entre as crianças e adolescentes, que só saem de lá quando já estão “preparadas para enfrentar o mundo”. Por conta disso, o tema escolhido foi **Binarismo de gênero no ambiente escolar**.

A convidada havia estagiado na Escola de Aplicação antes da pandemia começar, acompanhando algumas turmas da escola, entre elas a turma que agora estava no 8º ano. Por isso, quando ela chegou, as alunas se pronunciaram tanto pelo chat quanto pelo áudio falando das saudades daqueles tempos e de como era bom esse reencontro. E assim a conversa seguiu. Ferícia falou parte de como foi

seu processo de identificação como um corpo travesti e da importância que aquele espaço escolar tinha nessa construção identitária. Além disso, ela pontuou alguns costumes binários na educação, que prezam por meninas que são mais “certinhas”: estudiosas, comportadas e inteligentes, cabendo aos meninos serem bagunceiros, desobedientes e encrenqueiros. Além das expectativas, Ferícia trouxe também pontos divergentes dessa relação masculina e feminina dentro de sala.. A conversa fluiu com a convidada levantando argumentos para a discussão, que seguia a partir das falas dela em relação às perguntas e apontamentos dos alunos, bolsistas e estagiários que estavam presentes. Uma das questões, por exemplo, foi a diferença entre trans, travesti e drag queen, outra dizia respeito ao quanto o machismo e o sexismo também afetam negativamente os homens e também o uso do pronome neutro. Sobre o último assunto, uma aluna argumentou: “o povo é contra pronome neutro pq é ‘errado’ na língua portuguesa e vai lá e fala nós tem”, com a mesma completando em seguida: “a real é que a sociedade tem medo das pessoas livres.”

O encontro pareceu muito rápido, com o papo passando um pouco do horário previsto, mas sem estar nem perto de esgotar os assuntos. A mobilização deste dia para discutir questões pertinentes à construção da identidade durante a vida foi gostosa de ver e sentir, configurando-se enquanto uma troca muito justa tanto para a convidada quanto para todos presentes naquela sala de videoconferência.

Durante o segundo dia do evento, fiquei junto com a turma do 9º ano para conversar sobre **Nome social nas escolas**. A conversa foi guiada por mim, falando sobre a CITG Xica Manicongo, coletiva de estudantes trans da USP que se mobilizam desde o início do ano passado para lutar por essa população universitária que não para de crescer e que tem seus direitos feridos por conta da transfobia, tanto estrutural, pensando nas relações burocráticas que a Universidade exige, quanto a transfobia direta e invasiva que pode ocorrer em qualquer lugar, seja por algum/a professor/a que erra o nome e/ou pronome de alguém trans ou ainda alunos faltando com respeito à pessoas desta comunidade por ignorância ou puro preconceito mesmo.

Uma das ações que a coletiva fez foi a proposição de projetos de bolsa dentro da Universidade que se voltam para pesquisar e melhorar a situação de pessoas trans em diversas áreas: saúde, jurídico, educação básica entre outras.

O projeto voltado para a educação é um observatório de nome social, para saber o quanto esta política, que se configura enquanto lei, é cumprida nas diferentes escolas públicas da cidade de São Paulo.

Para dar início ao debate, perguntei se alguém ali conhecia a figura de Xica Manicongo. Não obtendo uma resposta, fiz uma breve introdução sobre a primeira travesti brasileira e também sobre a organização de estudantes que usa de seu nome.

Depois, falou-se sobre o que era o nome social e de que forma ele deveria ser solicitado. Aproveito este momento para explicar ao leitor o que seria também esta política.

Quando nascemos, nos é dado um nome e gênero atribuídos pela genital e pela alegria de escolher como aquele bebê será chamado ao longo de sua vida. Quando pensamos em uma pessoa trans, que não se reconhece dentro daquele gênero dado ao nascer, é comum que essa pessoa também troque de nome, para um que melhor lhe conforte nesta nova identidade que começa a se formar ao negar as lógicas de gênero estabelecidas. Porém, para esta pessoa trocar juridicamente o seu nome e seu gênero, ela precisará de tempo, dinheiro e energia para reunir uma porção de documentos e fazer a retificação de nome e gênero, ou seja, mudar na certidão de nascimento os seus dados pessoais.

Por isso além da mudança direta no registro, existe desde 2016 a possibilidade de se usar o nome social para expressar sua identidade de gênero por conta do Decreto nº 8727/2016 que diz diretamente “sobre o uso de nome social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas travestis e transexuais no âmbito da administração pública federal direta, autárquica e fundacional.” (BRASIL, 2016).

O nome social é aquele usado por pessoas que não se reconhecem no gênero atribuído ao nascer, e a facilitação de usar este nome precisa ser feita urgentemente. A lei sugere que qualquer pessoa que queira utilizar seu nome social pode fazê-lo através de requerimento para a instituição pública. Assim como diz que, após 60 dias da lei sancionada, os estabelecimentos em si já deveriam reconhecer em sua papelada um espaço reservado para o nome social do indivíduo.

Atualmente, começo a ver este campo de nome social em mais lugares, mas não em todos. Como pessoa trans não-binária, sei o quanto o não reconhecimento

de sua identidade pode causar um mal psicológico diferente para cada pessoa, dessa forma, trazer este debate para a escola foi extremamente necessário.

Durante a conversa, muitas dúvidas surgiram: “quais documentos podem conter o nome social?” “Quando muda de nome tem que automaticamente mudar o gênero?” “E se a pessoa não se reconhece nem no masculino nem no feminino?” E também, “o que o aluno tem que fazer para garantir seu nome social na escola?”

De todas as questões, esta última trouxe para a conversa o assunto do preconceito, visto que, por se tratar de pessoas menores de idade, pedir o nome social deveria ser feito por alguém responsável, mas e se a pessoa ainda não se sentir confortável em casa para dizer quem ela é socialmente?

A Jornada, assim como muitas ações ao longo do ano, pareceu suscitar mais dúvidas do que respostas. Chegando ao fim e refletindo sobre ela, junto com as demais ações da pesquisa, o que se torna mais pungente é o interesse em discutir assuntos pertinentes à construção identitária das pessoas, que chamou a atenção não apenas da juventude mas também dos adultos e adultas que estavam acompanhando o evento. Por isso volto a pensar sobre como a pedagogia kuir poderia se fazer presente nas escolas, não enquanto estudo teórico, mas trabalhando com os pontos propostos por Guacira Lopes Louro (2004, p. 48):

Uma pedagogia e um currículo queer estariam voltados para o processo de produção das diferenças e trabalhariam, centralmente, com a instabilidade e a precariedade de todas as identidades. Ao colocarem em discussão as formas como o “outro” é constituído, levariam a questionar as estreitas relações do eu com o outro. A diferença deixaria de estar lá fora, do outro lado, alheia ao sujeito, e seria compreendida como indispensável para a existência do próprio sujeito: ela estaria *dentro*, integrando e constituindo o eu. A diferença deixaria de estar ausente para estar presente: fazendo sentido, assombrando e desestabilizando o sujeito. Ao se dirigir para os processos que produzem as diferenças, o currículo passaria a exigir que se prestasse atenção ao jogo político aí implicado: em vez de meramente contemplar uma sociedade plural, seria imprescindível dar-se conta das disputas, das negociações e dos conflitos constitutivos das posições que os sujeitos ocupam.

Por isso encerro esta pesquisa com novas perguntas: Como falar sobre gênero e sexualidade na escola? Como ajudar a promover um currículo kuir que tenha como objetivo o questionamento do espaço escolar e da estrutura social? Como falar sobre estes assuntos dentro de cada disciplina, em sala de aula? Como

indagar as diferenças de forma horizontal? Como promover um mundo onde as diferenças não sejam vistas com uma relação de poder, mas sim de forma a diversificar e aumentar ainda mais nossa capacidade de imaginar e criar novos caminhos, novas jornadas e desvendar o que tem além do arco-íris?

Estranhando a [nova] escola

Tomara que não voltemos à normalidade, pois, se voltarmos, é porque não valeu nada a morte de milhares de pessoas no mundo inteiro

Aílton Krenak

A pandemia ocasionada pelo coronavírus, que teve início no nosso país em Março de 2020 e se faz presente até os dias de hoje - fim de 2021 - mudou muitos parâmetros da vida social na qual estávamos acostumados a viver, afetando muitos espaços, outrora cotidianos, incluindo o ambiente escolar.

Pela primeira vez em séculos, a escola ganhou um novo formato, que fez com que as pessoas presentes neste local - alunes, professores, gestão e também pais e responsáveis tivessem que se voltar para uma capacidade muito humana: a adaptação.

Novas formas de dar aula e de comunicar conteúdo foram criadas ou transformadas. Palavras como assíncrono, *jamboard*, *chat* e também frases como “Vamos abrir a câmera?”, “Você tá mutado/a” ou ainda “fulane caiu da chamada” se tornaram muito presentes - transformando ações nunca antes imaginadas em nossa rotina.

Atualmente, após mais de um ano e meio de pandemia, o cansaço digital e a instabilidade da internet começam a se tornar obsoletos, visto que existe essa possibilidade de voltar ao ensino como era antes. Esse processo de retomada ao presencial é o momento perfeito para refletir o que esse mundo pandêmico deixou para nós e também que tipo de escola queremos construir para o futuro.

Voltando ao conceito de crise relatado na introdução deste trabalho, retorno-me ao texto do Professor Doutor José Sérgio Fonseca de Carvalho dizendo que: “Nesse sentido, uma crise – uma cisão entre as respostas que herdamos do passado e os problemas e questões que emergem no presente – pode representar um convite ao pensamento e à ação.” (CARVALHO. 2020, P. 3)

Por isso fica a questão: Será que agora, depois de tanto tempo de reclusão, a escola poderá se tornar um espaço de convívio social mais pertencente a todos? Como as dúvidas sobre gênero e sexualidade, muito presentes no cotidiano dos alunes, vão ser trabalhadas?

Durante a minha formação escolar, tive pouco contato com a discussão de gênero e sexualidade. Lembro-me que, anualmente, durante o meu Ensino Médio, tinha-se que fazer um projeto interdisciplinar e, no meu 3º ano, o tema geral foi sobre Diversidade, com cada ano pegando um tema entre: Raça, Sexualidade e Relações de Gênero. Este último tema foi o que eu participei.. O produto final foi um documentário feito com a participação de estudantes universitárias para discutir sobre essas relações que diferenciam homens e mulheres na sociedade. Lembro-me de ao menos uma discussão sobre transgeneridade. Neste dia em questão, a sala de aula estava estruturada com as carteiras em círculo e fizemos uma espécie de assembleia - que na minha memória não foi mediada por nenhum/a professor/a responsável, mas posso estar enganado - onde falamos nossas opiniões sobre aquele tema, com alguns meninos defendendo posições preconceituosas enquanto eu e mais algumas pessoas próximas tentávamos rebater a essas falas, mas sem possuir muito conhecimento sobre o assunto.

Hoje em dia, com o tema se tornando recorrente por muitos meios virtuais, tais como páginas do Instagram, Twitter ou ainda canais de Youtube falando sobre o assunto, torna-se mais fácil ter conhecimento sobre essas informações, entretanto, da mesma forma que pode-se encontrar conteúdos didáticos, que levam a reflexão, pode-se encontrar discursos de ódio que sirvam de empecilho.

Aí começa o trabalho da escola para o tema transversal nomeado de Diversidade pelos Parâmetros Curriculares Nacionais:

A escola, ao considerar a diversidade, tem como valor máximo o respeito às diferenças — não o elogio à desigualdade. As diferenças não são obstáculos para o cumprimento da ação educativa; podem e devem, portanto, ser fator de enriquecimento. Concluindo, a atenção à diversidade é um princípio comprometido com a equidade, ou seja, com o direito de todos os alunos realizarem as aprendizagens fundamentais para seu desenvolvimento e socialização. (BRASIL. 1997, p. 63)

Essa citação mostra que há mais de duas décadas fala-se sobre a diversidade dentro do espaço escolar, como forma de produzir um ambiente de ensino igualitário a todos. Apesar de pautar questões fortes naquele período, como a gravidez na adolescência e o avanço do HIV, a Orientação Sexual pretendia falar que a sexualidade tinha que ser pautada dentro da escola levando em conta que:

As questões referentes à sexualidade não se restringem ao âmbito individual. Pelo contrário, muitas vezes, para compreender comportamentos e valores pessoais é necessário contextualizá-los social e culturalmente. É nas relações sociais que se definem, por exemplo, os padrões de relação de gênero, o que homens e mulheres podem e devem fazer por serem homens e mulheres, e, principalmente, quais são e quais deverão ser os direitos de cidadania ligados à sexualidade e à reprodução. (BRASIL. 1997, p. 87)

O professor de Geografia da Escola de Aplicação, José Carlos Carreiro, e membro do Programa de Gênero e Sexualidade desde seu início, falou, em entrevista, sobre como o tema foi se transformando ao longo dos anos e como que, em muitos momentos, ele teve que apagar incêndios em sala de aula quando uma temática do Programa acontecia e o/a professor/a responsável não tinha informações para discutir com os estudantes.

Dentro da Universidade você sabe que ninguém discute esse tema. Ele é pouquíssimo discutido. [...] Vocês tinham que ter esse tema na Licenciatura. Como você vai se deparar em sala de aula com uma discussão dessa natureza sem ter nenhuma formação para isso? (Informação Verbal)¹⁷

Apesar do tema ser muito recorrente na boca do corpo discente, ele segue enfrentando muitas barreiras, ainda mais com a conjuntura política de nosso país que se volta às ideias conservadoras de que apenas o homem branco cis hétero é um sujeito legítimo. Vendo o avanço do discurso fascista que volta a tomar o Brasil, não imagino Gênero e Sexualidade sendo pautados dentro da Universidade tão cedo, porém estou completamente de acordo de que estes assuntos deveriam ser mais discutidos no ensino superior, ainda mais por este espaço estar se tornando um lugar presentificado por corpos trans e travestis.

Adriana Silva de Oliveira, professora de teatro da Escola de Aplicação e também integrante do Programa de Gênero e Sexualidade, me relatou, em entrevista, sobre uma situação em que um aluno LGBTQIAP+ da escola chegou até ela para contar sobre a fala homofóbica de uma colega de escola e o quanto aquela fala havia afetado ele. A situação ocorreu a partir de uma pergunta feita na sala de

¹⁷ Entrevista de José Carlos Carreiro cedida à autora em 15 de Outubro de 2021. Não publicada.

aula: “O que seria o fim do mundo pra você?” Com esta aluna em questão falando, em momento posterior à atividade que o fim do mundo era ver ‘viados’ se beijando:

Eu sei que aconteceu uma situação de violência velada com o estudante porque ele se sentiu seguro para vir conversar comigo, me pedir apoio, porque sabe que eu sou uma das professoras do Programa. E que existe o Programa. E que ele vai ser acolhido. Ninguém vai falar ‘ai meu filho, se vira’, “isso aí é mimimi, isso não é nada”, “ela tava só brincando” ou qualquer outra desculpa que minimize uma violência simbólica constante. (Informação Verbal)¹⁸

As questões sobre identidade são transdisciplinares, podendo ser discutidas em qualquer instância dentro da escola. Entretanto, situações como a relatada acima são passíveis de acontecer a qualquer momento. E essas falas de ódio afetam as pessoas LGBTQIAP+, mesmo quando não é uma fala direta em relação a esta pessoa em si. O fato do Programa existir na escola torna aquele espaço mais acolhedor, porém não imune a situações de opressão para as minorias sociais.

De qualquer forma, o fato destes programas serem institucionalizados dentro da grade curricular demonstra um cuidado do espaço de ensino que deveria ocorrer em todas as escolas que prezam por uma educação de qualidade para todes, porém, a Escola de Aplicação, na realidade, se mostra mais como uma linha fora da curva, com projetos como estes que lá ocorrem, acontecendo raramente em outros contextos escolares.

Como eu, sendo uma pessoa trans não-binária que usa pronomes femininos e neutros, serei tratada na escola? Como não discutir esses assuntos, quando eles aparecem a partir do momento que eu entro em uma sala de aula e digo quem sou?

Pessoas LGBTQIAP+ ocupam o ambiente escolar não apenas como estudantes, mas também como professores/as ou futuros profissionais. Normalizar essas vivências é fazer com que essas pessoas tenham mais oportunidades futuras, além de fazer com que elas se sintam pertencentes àquele espaço.

Ao longo desse ano, com as ações feitas por mim, junto com demais bolsistas do programa, foi possível compreender a necessidade que os alunos tinham de discutir o tema. Em algumas salas, durante as atividades, apareciam perguntas

¹⁸ Entrevista de Adriana Silva Oliveira cedida para a autora em 11/10/2021. Não publicada.

diversas sobre identidades de gênero, sobre o significado de cada uma das letras e outras questões que fugiam ao tema daquele encontro específico.

Os materiais artísticos levados foram de diversos tipos, porém o que ficou mais forte foi a questão da imagem - talvez por ser o mais acessível neste momento pandêmico. Dessa forma, discutimos muito a construção das identidades a partir das performances de gênero. Seja através de proposições corporais, observação de performances existentes ou ainda reflexão sobre assuntos que surjam nas aulas, pretendo trazer Gênero e Sexualidade como ponto culminante de discussões, mesmo que vinculada aos demais componentes curriculares desenvolvidos na disciplina de Artes:

Tudo que a gente põe em cena vai ser lido. Quer a gente queira, quer a gente não queira. [...] Nada é um dado natural, tudo é signo. Não só na cena mas na sociedade também. A gente vai ler as pessoas como mulheres, como homens, como eu não sei dizer exatamente o que é e isso me causa determinadas sensações, sentimentos [...] Como é que a gente aprende a ler as pessoas como homens e mulheres? Como é que a gente aprende a se ler também nessa dualidade, ou não, né. Feminino, masculino ou nessa pluralidade de formas que muitas vezes escapam dessa binariedade aí. (Informação Verbal)¹⁹

Esta fala da professora Adriana demonstra minhas vontades ao pensar na minha posição como professora em uma sala de aula, entendendo o teatro e demais artes como potencializadoras de discussões sobre construção de identidade e a multiplicidade sexual que existe no mundo contemporâneo, a fim de fazer com que a violência velada sofrida por pessoas LGBTQIAP+ no contexto escolar diminuam e também, a longo prazo, imaginar que uma sociedade menos pautada em questões binárias, machistas e elitistas possa se fazer presente. Além disso, convido todo professor e toda professora da educação brasileira, da creche ao ensino superior, a conhecer mais sobre a diversidade étnica, sexual e de gênero que existe, a fim de estranhar o currículo e promover uma educação mais libertária a todos, fazendo com que todo este tempo de inércia, causado pela crise sanitária da covid-19, seja válido na (re)construção de uma escola pautada na pluralidade de existências, e não em sua uniformidade.

¹⁹ Entrevista de Adriana Silva Oliveira cedida para a autora em 11/10/2021. Não publicada.

Referências

Textos

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019

_____. **Sejamos todos feministas**. 1ª edição. São Paulo: Cia. das Letras, 2015

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro. Pólen, 2019.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo. Vol 1: Fatos e mitos**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BERNADINO-COSTA, Joazé; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramon (org.) **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Coleção Cultura Negra e Identidades. 1ª edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

BRASIL. **Brasil sem Homofobia: Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB e de Promoção da Cidadania Homossexual**. Brasília, 2004.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais : apresentação dos temas transversais**. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Decreto nº 8727. Brasília, 2016. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/decreto/d8727.htm. Acesso em: 11 Out 2021

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero - feminismo e subversão da identidade**. 11ª edição. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2016

CANDAU, Vera Maria Ferrão; OLIVEIRA, Luiz Fernandes de. **Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil**. Revista Educ. rev., volume 26, número 1. Belo Horizonte, 2010.

CARREIRO, José Carlos. Reflexões a partir da prática de orientação sexual na escola de Aplicação da FEUSP. Dissertação de Mestrado - São Paulo: Faculdade de Educação, 2006

CARVALHO, José Sérgio Fonseca de. **Um sentido para a experiência escolar em tempos de pandemia**. Porto Alegre: Educação & Realidade, v. 45 nº 4. 2020

DAVIS, Angela. **A liberdade é uma luta constante**. 1ª edição. São Paulo: Boitempo Editorial, 2018

DE LAURETIS, Teresa. **Technologies of Gender: Essays on Theory, Film and Fiction** Bloomington: Indiana University Press, 1989.

DINIS, Nilson Fernandes. **Por uma pedagogia queer**. In: Itinerarius Reflectionis, [S. l.], v. 9, n. 2, 2014. DOI: 10.5216/rir.v2i15.27710. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/rir/article/view/27710>. Acesso em: 9 maio. 2021.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: A vontade de saber**. 10ª edição. Rio de Janeiro/São Paulo: paz e terra, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 1ª edição eletrônica. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013

_____. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. ePub. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. org: Flavia Rios , Márcia Lima. 1a ed. Rio de Janeiro : Zahar, 2020

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2006

_____. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003

HOOK, Bel. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. 2ª edição. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2ª edição. São Paulo: Cia. das Letras, 2020

LOURO Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação - Uma perspectiva pós-estruturalista**. 16ª edição. Petrópolis - RJ: Editora Vozes, 2014

_____. **Um corpo estranho - Ensaio sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004

PRECIADO, Paul Beatriz. **Quem defende a criança queer?** Revista Jangada nº 1 - Homocultura. Minas Gerais: Universidade Federal de Viçosa, 2013.

_____. **Multidões queer: notas para uma política dos "anormais"**. Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 11-20, Apr. 2011.

Acesso: 06/05/2021. Disponível em:

:http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2011000100002&lng=en&nrm=iso

_____. **Manifesto Contrassexual**. São Paulo: n-1 edições, 2014

_____. **Um apartamento em Urano: crônicas da travessia**. 1ª edição. São Paulo: Editora Zahar, 2020

RIBEIRO Djamila. **Pequeno manual antirracista**. 1ª edição. São Paulo: Cia. das letras, 2019

WOOLF, Virgínia. **Orlando**. 1ª edição. São Paulo: Penguin, 2014

Álbuns

BAIRRO, Jup do. **Corpo sem juízo**. São Paulo: Tratore, 2020. EP - Extended play: (27 min)

QUEBRADA, Linn da. **Pajubá**. São Paulo: Independente, 2017. CD (46 min)

_____. **Trava-Línguas**. São Paulo: Altafonte, 2021. CD (38 min)

Links

100 Years of Black American Fashion. Buzzfeed. 2017. 3 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mwzFxoodAkY>. Acesso em 16 Ago 2021

100 Years of Fashion: Gals vs. Girls. GLAM Inc. 2015. 2 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=L3e8MvTntkE>. Acesso em 16 Ago 2021

ALICE Júnior | Trailer Oficial. Olhar. 2020. 3 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QCAW9sGxNhU>. Acesso em 08 Abr 2021

CHÁ de revelação. Porta dos Fundos, 2019. 2 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cZNX5je8Ppw>. Acesso em: 09 Ago 2021

MARCELA, de Ti-ti-ti, e outras mães que babam diante do ultrassom de seus bebês. Vídeo Show, 2010. 3 min. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/1327855/>. Acesso em: 09 Ago 2021

ORAÇÃO. Linn da Quebrada. 2019. 6 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=y5rY2N1XuLI>. Acesso em 30 Ago 2021

PÍLULAS da linguagem neutra. 18 Ago 2021. Instagram: @jupi77er. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CSuy1ghsxNV/>. Acesso 13 Setembro 2021

QUE corpo é esse? - Eu tenho um corpo. Canal Futura. 2018. 3 min. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9336449/>. Acesso em 08 Abr 2021

VAMOS falar sobre cisnormatividade. 14 Jan 2021. Instagram: @transceda. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CKCi9gggnkg/>. Acesso em: 08 Abr 2021

WHERE love is illegal. Disponível em: <https://whereloveisillegal.com/>. Acesso em: 27 Ago 2021